UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
***CAMPUS* AVANÇADO DE PATU**
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

MARIA ALICIA PAULO DE OLIVEIRA GOMES

OS INFERNOS DE DANTE ALIGHIERI E DOS RACIONAIS MC'S: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE A DIVINA COMÉDIA E DIÁRIO DE UM DETENTO

PATU – RN
2024

MARIA ALICIA PAULO DE OLIVEIRA GOMES

OS INFERNOS DE DANTE ALIGHIERI E DOS RACIONAIS MC'S: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE *A DIVINA COMÉDIA* E *DIÁRIO DE UM DETENTO*

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Orientadora: Annie Tarsis Morais Figueiredo

Coorientadora: Maria Gorete Paulo Torres

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Cultura

PATU – RN
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G633i Gomes, Maria Alicia Paulo de Oliveira
Os infernos de Dante Alighieri e dos Racionais MC's: uma leitura comparativa entre a Divina Comédia e Diário de um Detento. / Maria Alicia Paulo de Oliveira Gomes. - Patu, 2024.
68p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.
Coorientador(a): Profa. Dra. Maria Gorete Paulo Torres.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Inferno. 2. Punição. 3. Marginalização. 4. A Divina Comédia: Inferno. 5. Diário de um Detento. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MARIA ALICIA PAULO DE OLIVEIRA GOMES

OS INFERNOS DE DANTE ALIGHIERI E DOS RACIONAIS MC'S: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE A DIVINA COMÉDIA E DIÁRIO DE UM DETENTO

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu (CAP), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Aprovada em: 29/ 11 / 2024 .

Banca Examinadora

Annie Tarsis Morais Figueiredo

Prof.ª Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo - Orientadora

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Luciana Fernandes Nery

Prof.ª Dra. Luciana Fernandes Nery - Examinadora

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN

José Romerito França Costa.

Prof. Me. José Romerito França Costa - Examinador

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aquele que me fortalece, que me sustentou ao longo desta jornada, Deus. A Ti dedico minha vida; sem Sua presença nela, este sonho não teria sido possível.

Assim, agradeço também à Nossa Senhora, por sempre me guiar e interceder por mim perante Cristo. Que sua vida seja sempre minha inspiração, que meus caminhos sejam sempre abençoados por Seu manto.

Aqui deixo meus agradecimentos à minha mãe, por todo o amor, dedicação e pelos incontáveis sacrifícios feitos em nome do meu futuro. És minha maior inspiração, meu porto seguro.

Ao meu pai, agradeço por todo o apoio constante, por todas as noites mal dormidas e todos os dias de trabalho que precisou passar para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, minha confidente e companheira, pela paciência, incentivo e por estar ao meu lado em todo esse caminho. Com você, essa trajetória se tornou mais leve e especial.

Meus avós Socorro Paulo e José Nildo, que sonharam este sonho comigo; aos meus tios Alex e Viviana, por sempre acreditarem nesse sonho junto comigo e por todo o amor que sentem por mim.

A Bárbara e Maximiliano, por todo o amor, encorajamento e por serem sempre presentes em minha vida.

Aos meus familiares, que sempre estiveram presentes com palavras de encorajamento e gestos de carinho, em especial às sete Marias, as quais fui abençoada em tê-las como tias.

A vocês, agradeço por serem inspirações de mulheres fortes, que estão sempre unidas para o bem da família. Que um dia eu possa ser um pouquinho do que vocês são hoje.

À matriarca da família, Dona Antônia, a flor mais linda do meu jardim, agradeço por todas as palavras sábias que me encorajaram a enfrentar meus medos e chegar até aqui.

Às minhas colegas de faculdade e amigos, em especial Ruth, Raquel e Bárbara sou grata por todo apoio, amizade e conselhos.

Agradeço à minha orientadora Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo, e à minha coorientadora Dra. Gorete Paulo Torres, por toda atenção e apoio durante este percurso.

Agradeço aos professores que fizeram parte da banca examinadora.

Este trabalho é fruto não apenas dos meus esforços, mas de todo o amor e apoio que recebi de todos vocês.

Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral
Um dia no Carandiru, não ele é só mais um
(Racionais MC’s)

RESUMO

Este trabalho consiste na leitura comparativa dos infernos criados por Dante Alighieri, em *A Divina Comédia* (1321), e pelos Racionais MC's, na música *Diário de um detento* (1997). O objetivo geral deste trabalho é comparar as representações do inferno nas duas obras, explorando como esses autores separados por séculos de história e por contextos socioculturais profundamente distintos, as obras criticam as sociedades as quais foram escritas. Especificamente, analisamos suas representações e destacamos as semelhanças e diferenças, além de verificarmos as críticas sociais presentes nessas construções literárias. Dessa forma, ao longo da escrita fomos norteados pelos seguintes questionamentos: como as duas obras utilizam o inferno como metáfora para punição e sofrimento? Quais as principais semelhanças e diferenças na representação dos dois infernos, considerando os contextos históricos e culturais distintos? De que maneira essas visões representam e criticam as sociedades em que foram produzidas? A metodologia adotada para este trabalho é qualitativa e exploratória, com base em uma análise literária e comparativa, para isso utilizamos como base teórica os estudos de especialistas em Literatura Comparada e Análise musical tais como Croce (1949), Carvalhal (1986), (1991), (1997) (1986), Cavalcante (2012), Souza (1997), Wellek (1994) Duarte (2014), Cortez (2009), Goldstein (1985), Junior (2009), Moisés (2014) Gancho (2004) ibeiro (2006), Falbo (2010), Vieira e Vieira (2019), Wisnik (2000), Corrêa (2006) e Oliveira (2018). A análise revela que Dante Alighieri escreve a obra *A Divina Comédia: Inferno* como um espaço organizado hierarquicamente, onde os pecadores sofrem punições proporcionais aos seus erros cometidos em vida. Esse cenário reflete uma visão teológica do autor, pautada pela justiça divina e pelo medo do castigo eterno. Por outro lado, os Racionais MC's, no contexto da música *Diário de um Detento*, apresentam o inferno como a realidade carcerária brasileira, caracterizada pela violência, desumanização e injustiça social. Aqui, o inferno é construído como uma crítica constante às desigualdades, à brutalidade policial e ao abandono estatal perante os marginalizados da sociedade. Ao destacar as críticas sociais presentes nas obras, o estudo evidencia como a literatura e a música, em seus contextos, atuam como instrumentos poderosos de reflexão e denúncia das condições humanas, revelando que, apesar das obras serem distintas no quesito histórico e cultural, há um diálogo profundo entre as críticas e a representação do inferno, entre *A Divina Comédia: Inferno* e *Diário de um Detento.*

Palavras-chaves: Inferno; Punição; Marginalizados; A Divina Comédia: Inferno; Diário de um Detento.

ABSTRACT

This paper consists of a comparative reading of the hells created by Dante Alighieri, in The Divine Comedy (1321), and by Racionais MC's, in the song Diário de um detento (1997). The general objective of this paper is to compare the representations of hell in the two works, exploring how these authors, separated by centuries of history and profoundly different sociocultural contexts, criticize the societies for which they were written. Specifically, we analyze their representations and highlight the similarities and differences, in addition to verifying the social criticisms present in these literary constructions. Thus, throughout the writing we were guided by the following questions: how do the two works use hell as a metaphor for punishment and suffering? What are the main similarities and differences in the representation of the two hells, considering the distinct historical and cultural contexts? In what way do these visions represent and criticize the societies in which they were produced? The methodology adopted for this work is qualitative and exploratory, based on a literary and comparative analysis, for this we use as a theoretical basis the studies of experts in Comparative Literature and Musical Analysis such as Croce (1949), Carvalhal (1986), (1991), (1997) (1986), Cavalcante (2012), Souza (1997), Wellek (1994) Duarte (2014), Cortez (2009), Goldstein (1985), Junior (2009), Moisés (2014) Gancho (2004) Ribeiro (2006), Falbo (2010), Vieira and Vieira (2019), Wisnik (2000), Corrêa (2006) and Oliveira (2018). The analysis reveals that Dante Alighieri wrote the work The Divine Comedy: Hell as a hierarchically organized space, where sinners suffer punishments proportional to their mistakes committed in life. This scenario reflects the author's theological vision, guided by divine justice and the fear of eternal punishment. On the other hand, Racionais MC's, in the context of the song Diary of a Prisoner, present hell as the reality of Brazilian prisons, characterized by violence, dehumanization and social injustice. Here, hell is constructed as a constant criticism of inequalities, police brutality and state abandonment of the marginalized in society. By highlighting the social criticisms present in the works, the study shows how literature and music, in their contexts, act as powerful instruments of reflection and denunciation of human conditions, revealing that, despite the works being distinct in historical and cultural terms, there is a deep dialogue between the criticisms and the representation of hell, between The Divine Comedy: Hell and Diary of a Prisoner.

Key words: Hell; Punishment; Marginalized; The Divine Comedy: Inferno; Diary of a Detainee.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....09

2 METODOLOGIA.....14

2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa.....11

2.2 Sobre o *corpus* da pesquisa.....13

2.3 O tratamento dos objetivos de pesquisa.....14

3 UM BREVE PASSEIO PELA LITERATURA COMPARADA.....16

3.1 A literatura e suas concepções.....16

3.2 Notas sobre a Literatura Comparada e sobre a análise musical.....20

4 O INFERNO NA LITERATURA E NA MÚSICA: A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS POLÍTICAS E FILOSÓFICAS.....27

4.1 *A divina comédia* e o Inferno moralista.....27

4.2 *Diário de um detento* e o Inferno penitenciário.....41

4.3 Uma análise comparativa entre *A divina comédia* e *Diário de um detento*.....51

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....59

REFERÊNCIAS.....62

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da história da humanidade, o conceito do *inferno* tem desempenhado um papel vital não apenas na religião, mas também nas Artes e na cultura em geral. Desde as antigas representações mitológicas até as visões contemporâneas, o inferno tem sido uma fonte rica de exploração criativa e expressão artística. Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 505), no *Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*, resume: “o inferno significa a privação de Deus e da vida. [...]É a perda da presença de Deus; [...] o inferno é a desventura absoluta, a privação radical, *tormento misterioso e insondável* de uma existência humana”. Chevalier e Gheerbrant (1998) apresentam o inferno como um lugar marcado pela ausência do bem e pela retirada da presença divina, onde a alma humana seria privada de tudo que é bom. A ideia do inferno enquanto um local de punição após a morte aparece em diversas tradições religiosas ao redor do mundo, desde os mitos gregos sobre Hades[1] até as descrições detalhadas do inferno na tradição cristã. Nas tradições orientais, como o budismo e o hinduísmo, por exemplo, encontramos concepções de reinos infernais como formas de retribuição pelos atos cometidos em vida. Essas visões religiosas frequentemente se traduziram em representações artísticas, como pinturas, esculturas e narrativas literárias.

Ao longo dos séculos, artistas e escritores têm explorado o inferno como um símbolo poderoso de medo, punição e redenção. Entre os pintores, destaca-se Hieronymus Bosch, conhecido por suas representações surreais e fantásticas do inferno, que continuam a fascinar públicos ao redor do mundo. Na literatura, o inferno também encontra espaço significativo, como na obra *A tempestade* (1611), de William Shakespeare, com a frase emblemática: “O inferno está vazio, e todos os demônios estão aqui.” Já Flávio Aguiar, em *Visões do inferno ou o inferno somos nós* (1986) - em contraponto à expressão filosófica de Jean-Paul Sartre: *“*O inferno são os outros” (peça teatral *Em quatro paredes,* de 1945) -, utiliza o inferno enquanto metáfora para situações de caos, desordem e sofrimento, mencionando, em seu texto, diversos infernos históricos brasileiros, como a escravidão, a ditadura militar e a desigualdade social.

[1]Para os gregos, o Além se relacionava com o Hades, onde as almas teriam sua existência sem sombra e sem corpo. [...] Todos os mortos eram levados ao Hades através do rio da morte pelo barqueiro Caronte, que os conduzia, mas eram as próprias almas que remavam. Segundo a tradição grega Caronte levava apenas as almas daqueles que lhe pagavam uma moeda e que foram sepultados seguindo todos os rituais, aqueles que não receberam o tratamento requerido ficariam esperando por cem anos. (ROSA, 2010, p. 37).

A exploração do conceito de inferno, ao longo da história, reflete não apenas o fascínio do humano pelo desconhecido e pelo sobrenatural, mas também serve como um meio poderoso de examinar questões sociais, éticas e existenciais. Ao mergulhar nesse tema, artistas e pensadores têm sido capazes de reelaborar a complexidade da condição humana e criar mensagens profundas sobre moralidade, redenção e lutas enfrentadas pela humanidade. Com várias visões diferentes e de compreensões distintas, o inferno se tornou algo complexo que deixa diversas indagações de onde estaria, como seria e o que levaria a humanidade até a ele.

Assim, chegamos a Dante, com sua descrição épica em *A divina comédia: Inferno* (1321), que ajudou a popularizar e a dar forma a essa tradição e/ou contribuiu para muitos expandirem o conceito de inferno, ou formarem seu próprio conceito. Nascido em Florença, Itália, em 1265, Dante viveu em um período marcado por profundas transformações políticas e culturais na Europa medieval. Essa obra-prima, escrita entre 1308 e 1320 e publicada em 1321, reflete não apenas sua erudição, mas também suas convicções religiosas e políticas. Especialmente na primeira obra, Dante tece uma jornada épica que integra elementos de literatura, filosofia, teologia e política, deixando um emblemático legado para a cultura ocidental.

No volume *Inferno*, Dante narra sua jornada pelos círculos infernais, guiado por Virgílio, o poeta romano que simboliza a razão humana. Cada círculo do inferno é uma representação detalhada de diferentes pecados e suas respectivas punições, revelando uma visão moral e teológica da justiça divina. A estrutura da obra é minuciosa, descrevendo com precisão cada nível do inferno, onde os castigos refletem a gravidade dos pecados cometidos, culminando no encontro com Lúcifer, aprisionado no centro da Terra.

Dante utiliza uma linguagem simbólica e metafórica para descrever o inferno, criando imagens vívidas e perturbadoras que refletem as preocupações morais de sua época. Ao explorar os círculos infernais de *A divina comédia: Inferno*, somos confrontados com questões universais sobre o bem e o mal, o livre-arbítrio e o sofrimento humano, oferecendo uma visão singular das angústias existenciais do ser humano. Sua narrativa leva o leitor por uma jornada nas profundezas do submundo, oferecendo uma perspectiva complexa sobre a condição humana e suas consequências espirituais, abrindo fronteiras para que esse tema seja recorrente em obras literárias, pinturas, músicas e todos os tipos de arte.

O tema do inferno também se faz presente na música popular, especialmente no hip-hop e no rap, no qual compositores exploram uma visão contemporânea e terrena do conceito. Assim como sugerido por Flávio Aguiar (1986), o inferno pode ser interpretado como as dificuldades e as punições vividas na própria Terra. Um exemplo marcante é o grupo Racionais MC's, que aborda temas como desigualdade social, violência urbana e a realidade das comunidades marginalizadas. Na música *Diário de um detento*, o grupo retrata a vida na prisão como uma experiência infernal, expondo as injustiças e os desafios enfrentados por muitos nas periferias das grandes cidades. Oliveira (2018), em *O evangelho marginal dos Racionais MC's*, analisa a trajetória dessa música, lançada no álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997). A letra, escrita por Mano Brown em colaboração com o ex-detento Jocenir Prado, oferece uma narrativa contundente sobre a realidade carcerária no Brasil.

A história da composição é baseada nas experiências reais de Jocenir, que estava preso no Complexo Penitenciário do Carandiru, em São Paulo. Segundo Oliveira (2018), a música recria o cotidiano e as dificuldades enfrentadas pelos detentos, com uma atenção particular ao Massacre do Carandiru, que ocorreu em 02 (dois) de outubro de 1992. A rebelião no presídio foi violentamente reprimida pela polícia militar, resultando na morte de 111 presos. Após um ano, mais dois massacres aconteceram no Brasil, a chacina da Candelária e a chacina do Vigário Geral, ambas foram feitas pelos Policiais Militares, matando várias pessoas. Após essas tragédias, o grupo Racionais MC's lança o álbum *Sobrevivendo no inferno*. As músicas contam a realidade vivida por pessoas pretas, pobres e da periferia. Entre as doze faixas contidas no álbum, está a música 7, *Diário de um detento*.

Deste modo, como Dante, os Racionais criam descrições para um tipo de inferno, retratando a realidade das comunidades marginalizadas e suas lutas cotidianas. Nas letras do grupo de rap, encontramos paralelos com a jornada de Dante pelo inferno. Ambos oferecem uma visão crua e autêntica das condições humanas extremas, explorando os limites da experiência humana e as consequências dos caminhos escolhidos pela sociedade. A conexão entre *A divina comédia: Inferno* e a música *Diário de um detento* revela as preocupações universais ao longo dos séculos, destacando a capacidade da arte de refletir e confrontar os problemas do mundo em que vivemos.

A divina comédia: Inferno, de Dante Alighieri, oferece uma visão profunda da condição humana e das questões morais de sua época, enquanto a música *Diário de*

um Detento dos Racionais MC's reflete a sociedade contemporânea, questionando estruturas de poder, denunciando a violência policial, a falta de oportunidades e as injustiças raciais que perpetuam o ciclo de pobreza e desespero nas periferias. As obras abordam, de formas distintas, temas de justiça e punição, o que conduz à investigação de como se utiliza metaforicamente o inferno para retratar o sofrimento.

Assim, com os conhecimentos abordados acima, e tendo em vista a leitura comparativa entre *A divina comédia* e *Diário de um detento*, nossa pesquisa foi guiada pelos seguintes questionamentos: como as duas obras utilizam o inferno como metáfora para punição e sofrimento? Quais as principais semelhanças e diferenças na representação dos dois infernos, considerando os contextos históricos e culturais distintos? De que maneira essas visões representam e criticam as sociedades em que foram produzidas?

Diante desses questionamentos, nesta pesquisa, tivemos como objetivo geral comparar a visão do inferno nas duas obras mencionadas. Especificamente analisamos as representações relacionadas ao inferno e destacamos as semelhanças e diferenças entre *A Divina Comédia* e *Diário de um detento*, além de verificarmos as críticas sociais presentes nessas construções literárias.

O interesse em realizar esta pesquisa surge por dois motivos principais, um pessoal e outro profissional. Além de reflete o desejo de aprofundar os conhecimentos sobre diferentes manifestações artísticas que abordam e criticam questões sociais. Nesse sentido, a escolha de *A divina comédia: Inferno* e *Diário de um detento* se justifica por ambas apresentarem perspectivas únicas sobre o sofrimento humano e a injustiça social, lançando luz sobre as condições sociais e políticas de seus respectivos contextos históricos e culturais. No âmbito acadêmico, esta pesquisa busca contribuir para os estudos literários e culturais ao promover um diálogo entre a poesia épica e o rap, investigando como essas obras abordam temas universais, como o sofrimento e a injustiça social. Ademais, ao comparar as visões do inferno presentes em cada uma delas, o estudo propicia uma análise das transformações na percepção cultural ao longo do tempo, destacando semelhanças e diferenças em suas abordagens.

Este texto está organizado em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo, *Considerações Iniciais*, apresenta uma contextualização do trabalho e seus objetivos. O segundo capítulo, *Metodologia*, detalha os aspectos metodológicos da pesquisa, incluindo o *corpus* analisado e o tratamento dado aos dois objetos de estudo,

descrevendo o percurso realizado para a elaboração desta monografia. No terceiro capítulo, *Um breve passeio pela Literatura Comparada*, desenvolvemos uma abordagem teórica sobre as concepções de Literatura e Literatura Comparada, exploradas em dois tópicos principais. Por fim, o quarto capítulo, *O inferno na Literatura e na Música: a construção de narrativas políticas e filosóficas*, dedica-se à análise detalhada das obras *A Divina comédia: Inferno*, de Dante Alighieri, e *Diário de um detento*, dos Racionais MC's. Nesse capítulo, realizamos uma análise comparativa, guiados pelos questionamentos e objetivos propostos. Por fim com as *Considerações Finais*, nas quais buscamos oferecer contribuições para o meio acadêmico, para os apreciadores de literatura e a sociedade em geral.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, exploramos a pesquisa, destacando os aspectos e as características mais relevantes, além de discorrer sobre os critérios que orientam a seleção do *corpus* utilizado. Este tópico será estruturado em três subtópicos: o primeiro, intitulado *Aspectos metodológicos da pesquisa*, aborda a nossa metodologia, as características do estudo, os procedimentos de coleta de dados e os referenciais teóricos que fundamentam nossa análise. O segundo subtópico, *Sobre o corpus da pesquisa*, enfatiza os critérios de seleção das obras e a abordagem que utilizamos durante a análise. Por fim, o último subtópico, *O tratamento dos objetivos de pesquisa*, esclarece as metas que orientam este estudo.

2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Para o desenvolvimento eficaz de uma pesquisa, é fundamental aplicar métodos científicos que viabilizem a análise dos objetos de estudo. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, conforme definido por Júnior (2012, p. 49), que descreve a pesquisa bibliográfica como aquela que “envolve a busca por informações em fontes impressas ou eletrônicas”. Nossa investigação será conduzida integralmente por meio de leituras e revisões das teorias relevantes ao tema.

Assim, esta pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender, analisar e comparar *A divina comédia: Inferno* e a música *Diário de um detento*. Quanto à abordagem dos dados, Gil (2010, p. 133), que afirma: “a análise qualitativa depende de muitos fatores (...) Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”.

De acordo com os nossos objetivos, consideramos esta pesquisa como exploratória, já que ao desenvolvê-la aprimoramos ideias e descobrimos novas percepções sobre os estudos da Literatura e da Literatura Comparada no tocante às duas obras anteriormente citadas. Sobre esse tipo de pesquisa, Gil (2010, p. 41) diz que “a pesquisa exploratória busca primordialmente o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

A pesquisa exploratória, nesse sentido, estabelece uma base para a formulação de questionamentos e para a realização de estudos mais aprofundados. Partindo dessa premissa, buscamos preencher lacunas nos estudos de Literatura Comparada que envolvem as obras analisadas, integrando elementos de leitura da narrativa e da análise musical. O objetivo é investigar como essas representações artísticas, apesar de distintas, dialogam com questões sociais e culturais específicas de seus contextos históricos.

A coleta de dados para esta pesquisa foi realizada por meio de uma investigação abrangente em fontes bibliográficas, incluindo livros, artigos e estudos especializados nas áreas da Literatura e da Literatura Comparada. Essa abordagem permitiu um exame detalhado das obras em questão, *A divina comédia: Inferno* e *Diário de um detento*, bem como uma análise aprofundada das metodologias e teorias pertinentes. Os materiais selecionados foram escolhidos para garantir a relevância e a profundidade da pesquisa, proporcionando uma base para a comparação entre as representações artísticas e suas conexões com questões sociais e culturais de seus respectivos contextos históricos.

Para a condução desta pesquisa, adotamos também uma abordagem de análise comparativa, que, conforme Croce (1949, p. 71), “busca as ideias ou temas literários e acompanha os acontecimentos, as alterações, as agregações, os desenvolvimentos e as influências recíprocas entre as diferentes literaturas”.

Pensando nisso, utilizamos como base teórica os estudos de especialistas em Literatura Comparada, tais como Croce (1949), Carvalhal (1986), (1991), (1997) e (1986), Cavalcante (2012), Souza (1997), Wellek (1994), entre outros estudiosos que emergiram durante nossa pesquisa. Para que análise pudesse se efetivar, recorremos às contribuições de teóricos da Literatura para nos guiar pela obra *A divina comédia: Inferno*, tais como Group (2018), Rosa (2010), Nogueira (2002), Aguiar (1986), Duarte (2014), Cortez (2009), Goldstein (1985), Junior (2009), Moisés (2014) e Gancho (2004). No que diz respeito à música *Diário de um detento*, fundamentamos nosso estudo nos trabalhos de Ribeiro (2006), Falbo (2010), Vieira e Vieira (2019), Wisnik (2000), Corrêa (2006) e Oliveira (2018). Esses autores proporcionaram uma base teórica que sustenta nossa compreensão analítica.

2.2 Sobre o *corpus* da pesquisa

Este estudo utiliza como *corpus* de pesquisa duas obras, sendo uma delas *A Divina comédia: Inferno*, de Dante Alighieri, a primeira parte da trilogia que compõe *A divina comédia*. Escrita no início do século XIV, a obra foi concebida durante o exílio de Dante de Florença, em 1302, resultado de conflitos políticos e rivalidades partidárias. Esse exílio não apenas o afastou de sua cidade natal, mas também o colocou em uma posição de marginalização política e social. Esse período de isolamento influenciou profundamente sua vida e sua escrita, moldando a perspectiva apresentada em *A divina comédia*.

Em sua obra, Dante, guiado pelo poeta romano Virgílio, percorre os nove círculos do inferno. Cada círculo representa um pecado e sua punição de acordo com a gravidade de seus crimes. A estrutura do inferno é meticulosamente organizada, refletindo a crença medieval na justiça divina e na moralidade. A obra é escrita em verso, no estilo de *terza rima* (rima em três partes), uma forma poética inventada por Dante, que consiste em estrofes de três versos. Esse estilo demonstra a habilidade técnica do poeta italiano, contribuindo para criação da musicalidade e da fluidez do poema. Através da jornada de Dante pelo inferno, o poema explora temas profundos como a natureza do pecado, a redenção e a justiça divina, proporcionando uma tapeçaria de símbolos e metáforas que tem sido objeto de estudo e interpretação ao longo dos séculos. A influência de *A divina comédia* é vasta, abrangendo não apenas a Literatura, mas também a Arte, a Filosofia e a cultura popular.

O segundo *corpus* deste trabalho é a música *Diário de um detento*, do grupo Racionais MC's. A canção apresenta uma narrativa em primeira pessoa, descrevendo com precisão a experiência do encarceramento. A letra oferece um retrato vívido da vida no sistema prisional, abordando temas como a violência, o desespero e a desumanização sofrida pelos detentos, em sua maioria, pretos. Por meio da perspectiva do protagonista, os compositores tecem uma crítica contundente às condições do sistema prisional e à desigualdade social no Brasil. Caracterizada por uma narrativa direta e uma linguagem realista, a música dá voz a uma perspectiva frequentemente silenciada. A descrição dos eventos e das emoções do detento é carregada de autenticidade, ressoando com a realidade de muitos brasileiros em situações semelhantes.

Lançada em 1997, no álbum *Sobrevivendo no Inferno*, *Diário de um detento* foi lançada cinco anos após o Massacre do Carandiru (1992), tragédia abordada explicitamente na letra. A obra teve um impacto profundo na cultura brasileira, especialmente entre jovens das classes mais desfavorecidas. Além de popularizar o rap como uma forma legítima de expressão artística e social no país, a música trouxe visibilidade para questões fundamentais relacionadas à justiça social e aos direitos humanos, ampliando o debate público sobre esses temas. A escolha dessas obras é justificada pela riqueza temática que ambas apresentam, proporcionando uma possibilidade para uma análise comparativa.

2.3 O tratamento dos objetivos de pesquisa

Este estudo tem como objetivo principal comparar a concepção de inferno nas obras *A divina comédia: Inferno*, de Dante Alighieri, e *Diário de um detento*, dos Racionais MC's. Para alcançar esse propósito, adotou-se uma abordagem crítica e comparativa, analisando as representações de injustiças, sofrimentos, punições, corrupção e isolamento, além de considerar os contextos culturais e históricos em que as obras foram produzidas.

A análise foi conduzida por meio de uma leitura crítica, permitindo identificar e comparar as visões de inferno e suas implicações sociais e culturais. O inferno de Dante é descrito como um espaço estruturado, mediante a gravidade dos pecados, para as punições serem realizadas. Tal espaço está profundamente atrelado às questões políticas e sociais de sua época. Em contrapartida, a música dos Racionais MC’s retrata o sistema prisional brasileiro enquanto um inferno real e opressivo, marcado pela brutalidade e corrupção, trazendo à tona as consequências do Massacre do Carandiru (1992) e as condições desumanas enfrentadas pelos detentos.

Para uma compreensão mais ampla, considera-se o contexto histórico, e sociocultural das obras. *A divina comédia: Inferno* foi escrita durante um período de intensas transformações políticas e sociais na Itália medieval, influenciada pela teologia cristã e pelas questões de justiça e moralidade da época.

Por outro lado, *Diário de um detento* emerge de um contexto de desigualdade social e violência urbana no Brasil dos anos 1990, em que questões de justiça e

direitos humanos estão profundamente entrelaçadas com a realidade do sistema prisional. A narrativa da música é fortemente influenciada pelo impacto do Massacre do Carandiru e pelas condições precárias vividas pelos detentos, oferecendo uma crítica contundente à corrupção e à desumanização presentes no sistema penitenciário.

Dessa forma, esta pesquisa examina como os contextos históricos e culturais distintos moldam as representações do inferno nas obras, analisando como as concepções de sofrimento e punição são influenciadas por suas respectivas realidades, permitindo uma comparação aprofundada. Esse enfoque destaca tanto as semelhanças quanto as diferenças nas abordagens de Dante e dos Racionais MC's, revelando as implicações sociais presentes em suas visões do inferno.

Dessa maneira, para a realização deste estudo, voltamo-nos as obras mencionadas, adotando uma abordagem analítica, crítica e comparativa, sustentada por leituras teóricas previamente selecionadas. Durante essa leitura, fizemos anotações, levantamos questionamentos e resolvemos dúvidas, o que permitiu construir o capítulo analítico. Portanto, sempre que necessário, recorremos tanto às obras quanto às teorias que embasaram nossa pesquisa.

3 UM BREVE PASSEIO PELA LITERATURA COMPARADA

O capítulo a seguir é dedicado aos teóricos que fundamentaram nossa análise, com base nas leituras que realizamos para enriquecer e aprofundar nosso estudo. Os teóricos das áreas de Literatura que explicaram o que seria uma obra literária e sobre a obra de Dante, teóricos da área da Literatura Comparada, que falam sobre sua importância, e teóricos de análise musical e estudiosos de Racionais e suas letras.

3.1 A literatura e suas concepções

Por muitos anos, a Literatura não estava acessível a toda a sociedade. Na maioria das vezes, era restrita às pessoas com poder e dinheiro, que pertenciam à alta sociedade. Isso contribuiu para a percepção da Literatura enquanto algo distante e inacessível, criando uma barreira entre ela e o restante da população. Sobre isso, Eagleton (2006, p. 08) afirma que

> O que há de verdadeiramente elitista nos estudos literários é a idéia de que as obras literárias só podem ser apreciadas por aqueles que possuem um tipo específico de formação cultural. (...) Uma importante razão para o florescimento da teoria literária a partir da década de 1960 foi o esgotamento gradual desse pressuposto, sob o impacto de novos tipos de estudantes que chegavam às universidades, oriundos de meios supostamente “incultos”. A teoria era uma forma de libertar as obras literárias da força repressora de uma “sensibilidade civilizada”, e abri-las a um tipo de análise do qual, pelo menos em princípio, todos pudessem participar.

Podemos entender que o acesso às obras literárias era um privilégio restrito às elites detentoras de poder e riqueza. Assim, as classes sociais mais baixas não tinham acesso à Literatura. No entanto, com o avanço tecnológico e com a ampliação do acesso à educação formal, esse cenário passou por mudanças significativas, promovendo a democratização da Literatura. Esse processo também ampliou o conceito do que seria considerado Literatura, que aos poucos deixou de ser visto apenas como o conjunto das obras de autores canônicos e de publicações impressas.

Eagleton (2006, p. 09) aprofunda mais um pouco essa visão de uma Literatura pouco acessível quando diz: “Devidamente compreendida, a teoria literária tem em suas bases um impulso democrático, nunca elitista; e, a este respeito, quando ela realmente mergulha no empoladamente ilegível, está sendo desleal para com suas

próprias raízes históricas". O autor critica o distanciamento da Teoria Literária de suas bases originais, precisamente quando esta se torna complicada e inacessível às demais pessoas da sociedade. De acordo com o estudioso, o foco da Teoria Literária é democrático, buscando compreender a Literatura de maneira abrangente. Ao utilizar uma linguagem cheia de termos rebuscados e conceitos complexos, a teoria estaria traindo suas origens históricas, que se opõe à exclusividade e à elitização do conhecimento.

A partir do que foi mencionado, é inegável que a Literatura, em suas múltiplas interpretações, se destaca como uma das expressões mais antigas e enriquecedoras da humanidade. Ela permite a manifestação de emoções, ideias, opiniões e visões sobre o mundo. Desde os contos mitológicos e épicos da Antiguidade até as experiências estéticas contemporâneas, a Literatura revela a complexidade da experiência humana. Mais do que um recurso estético, ela é um meio para a formação cultural e para a construção de identidades individuais e coletivas, oferecendo um campo para analisar as interações entre linguagem, poder e sociedade.

Reduzir a Literatura apenas à escrita não seria suficiente para abarcar toda a sua profundidade, pois, ao longo dos anos, ela foi alvo de ressignificações. Muitos autores a utilizam como um poderoso meio de protesto, representação e expressão. No Brasil, por exemplo, nomes como Clarice Lispector, Jorge Amado, Caio Fernando Abreu e Rubem Fonseca, entre tantos outros, escreveram durante a Ditadura cívico-militar (1964-1985), transformando suas obras em mecanismos de confronto e denúncia da realidade vivida naquele período.

Definir o que constitui a Literatura é uma tarefa complexa, especialmente considerando o mundo tecnológico em que vivemos. Ao longo dos anos, surgiram novas formas de Literatura Contemporânea, como *fanfics*, roteiros de videogames, *blogs*, textos compartilhados em redes sociais, microcontos e etc. A Literatura passou por grandes transformações ao longo do tempo; o que antes era restrito a textos impressos em papel, hoje pode incluir formas híbridas e multimodais, que desafiam as fronteiras entre a palavra escrita, o visual e o interativo. Segundo Torres e Sampaio (2015, p. 36), o conceito de Literatura está em constante mudança:

> Ainda sentimos dificuldades de responder a pergunta como: *o que é literatura?* Isso porque a conceituação exata do que é, ou mesmo do que não é literatura tem se tornado algo bastante relativo. Fazemos essa afirmação por compreendermos que justamente com tantas mudanças sofridas na humanidade se encontram os julgamentos das produções artísticas. Assim,

> a relatividade do que seja literário ou não poderá mudar e se renovar dependendo de vários aspectos os quais envolvem os sujeitos sociais.

A citação de Torres e Sampaio (2015, p. 36) enfatiza a complexidade e a fluidez na definição de Literatura, destacando que qualquer tentativa de conceituação é relativa e sujeita a mudanças, de acordo com o contexto social e histórico. Para as autoras, essa indeterminação ocorre porque o conceito de Literatura não é fixo ou imutável. À medida que as transformações culturais, sociais e artísticas se sucedem, as noções sobre o que pode ser considerado "literário" estão em constante revisão. Assim, o que é considerado literário em um período pode não ser em outro, e essa classificação depende da interação entre as produções artísticas e os sujeitos sociais que as recebem e interpretam.

Ainda segundo Torres e Sampaio (2015), essa indefinição tem uma forte ligação com as mudanças sociais, culturais e históricas que influenciam a interpretação e avaliação das criações artísticas. Portanto, o conceito de literatura não é algo imutável, mas exerce influência em um processo contínuo de retirada e renegociação. A flexibilidade na definição da Literatura ainda pode estar ligada à variação dos valores estéticos e das configurações críticas, dependendo do contexto em que estão inseridos.

Em determinado momento, o que é considerado canônico pode ser marginalizado ou reavaliado sob novas perspectivas críticas, como as influências da teoria pós-moderna, dos estudos pós-coloniais ou das abordagens feministas e de gênero. Assim, a Literatura não apenas reflete seu tempo, mas também sua época. Retomando as ideias de Eagleton (2006, p. 24), é fundamental destacar o que ele afirma sobre o que constitui a Literatura:

> Se não é possível ver a literatura como uma categoria "objetiva", descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais.

O autor propõe uma reflexão sobre o conceito de Literatura, rejeitando tanto uma abordagem essencialista quanto uma visão puramente subjetiva. Ele argumenta que não é possível tratar a Literatura como uma categoria objetiva e descritiva, semelhante às classificações das ciências naturais, que categorizam seres vivos ou

objetos. Além disso, o autor refuta a ideia de que a Literatura seja apenas aquilo que decidimos chamar como tal. Para ele, os juízos de valor literário não são acidentais ou fruto de vontades individuais, mas estão profundamente enraizados em estruturas de crenças sociais e históricas. Esses julgamentos, longe de serem triviais, estão ligados a ideologias e sistemas de pensamento que moldam nossa percepção sobre o que deve ser considerado parte do campo literário. O conceito do que constitui a Literatura é historicamente variável, e o que é reconhecido como tal em uma época depende do contexto histórico e social em que está inserido. Os valores literários determinam o que merece ser reconhecido dentro do campo literário, evidenciando que a Literatura é, em grande medida, uma construção social e ideológica de poder, e não uma categoria fixa, neutra e atemporal.

Podemos afirmar que, ao estudarmos Literatura, a entendemos como um reflexo multifacetado da condição humana, que transcende fronteiras temporais e culturais. Ela representa não apenas histórias individuais, mas também os dilemas universais que compõem nossa existência, refletindo aspirações, conflitos e transformações. Nesse sentido, investigar a Literatura não se resume a descobrir narrativas envolventes, mas também a compreender as complexidades das identidades, da política, da moralidade e da própria arte de contar histórias. De acordo com Lajolo (1984), a Literatura é um campo de grande complexidade, pois:

> Os mitos e espaços poéticos nascem não só da realidade circundante, compartilhada por autores e leitores, mas também do diálogo com o tudo o que, vindo de tempos anteriores, constitui a chamada tradição literária. É como se a literatura fosse um constante passar a limpo de textos anteriores constituindo o conjunto de tudo - passado e presente - gerando o texto único da literatura.

A Literatura pode ser vista como um tecido complexo, no qual mitos e espaços poéticos surgem de um diálogo constante entre a realidade presente e a vasta tradição literária. Esse processo criativo vai além da simples observação do mundo ao redor, envolvendo também uma interação contínua com o legado literário que antecede cada autor e leitor. A autora afirma que a Literatura não é apenas um reflexo de seu tempo, mas uma síntese dinâmica das influências do passado e do presente, descrevendo esse processo como um “passar a limpo” dos textos anteriores, em que obras já existentes são revisitadas, reinterpretadas e transformadas para gerar algo novo e único. Nesse sentido, a tradição literária se apresenta como um campo fértil, onde diversas narrativas e múltiplos significados são semeados e cultivados. Assim, como

afirmam Torres e Sampaio (2015, p. 39), “podemos considerar que a definição de literatura está bastante ligada à subjetividade, e o que é literário para alguns pode não ser para outros, e, além disso, para ser literário é necessário que seja lido, relido e recriado na imaginação dos leitores”.

No campo da Literatura, a definição do que é literário geralmente está associada ao sujeito que a lê e à experiência individual de cada leitor. Como indicado na citação, a percepção do que constitui a Literatura pode variar de pessoa para pessoa, evidenciando a ausência de uma definição final para o conceito. Essa perspectiva enfatiza que a Literatura é algo dinâmico e que muda conforme a interpretação e a sensibilidade do leitor.

A finalidade do texto literário só é plenamente alcançada quando é interpretado, revisitado e imaginado pelos leitores, sendo a leitura um processo interativo que depende da relação entre o leitor e a obra, e não apenas do que está escrito. Assim, a perspectiva do leitor é indispensável na construção do que é considerado literário. Essa visão ressalta que a Literatura é uma forma de experiência subjetiva que se renova a cada leitura. Dessa maneira, a Literatura está em transformação, influenciada pelos leitores e pelos contextos em que é apresentada. Por exemplo, uma obra pode ser vista como prazerosa e repleta de sentimentos agradáveis para um leitor, enquanto para outro pode ser considerada vaga e sem impacto emocional.

Portanto, a Literatura não deve ser entendida enquanto um conjunto estático de textos ou características, mas como um processo em constante transformação, concebido pelas interpretações e pelas subjetividades dos temas sociais. Esse argumento enfatiza a importância de perceber a Literatura como um campo flexível e dinâmico, onde o debate sobre o que é ou não considerado literário é influenciado por fatores culturais, históricos e subjetivos.

3.2 Notas sobre a Literatura Comparada e sobre a análise musical

Vimos que definir a Literatura é uma tarefa desafiadora. No campo Literatura Comparada o processo não é diferente. Segundo Carvalhal (2004, p. 04), “o surgimento da literatura comparada está relacionado à corrente de pensamento cosmopolita que marcou o século XIX, período em que comparar estruturas ou especificações análogas, com o objetivo de extrair leis gerais, foi uma prática

dominante nas ciências naturais". Essa perspectiva sugere que a Literatura Comparada surge da necessidade de compreender as especificidades culturais diversas por meio da identificação de correspondências entre diferentes tradições literárias. Dessa forma, a comparação se torna um método para identificar semelhanças e diferenças entre obras literárias, e também para revelar tendências universais ou padrões culturais em contextos variados. Conforme destacado por Carvalhal (1992, p. 10), a Literatura Comparada passou por transformações ao longo do tempo, como ela afirma:

> Se à época de seu surgimento, no século XIX, a Literatura Comparada punha em relação duas literaturas diferentes ou perseguia a migração de um elemento literário de um campo literário a outro, atravessando as fronteiras nacionais, hoje é possível dizer que sua atuação se ampliou largamente. [...] Surgida de uma necessidade de evitar o fechamento em si das nações recém constituídas e com uma intenção de cosmopolitismo literário, a Literatura Comparada deixa de exercer essa função "internacionalista" para converter-se em uma disciplina que põe em relação diferentes campos das Ciências Humanas.

Os estudos indicam que, ao longo do tempo, o campo da Literatura Comparada se expandiu, passando a englobar não apenas literaturas de diferentes países, mas também diversas áreas do conhecimento dentro das Ciências Humanas. Isso permitiu uma análise mais abrangente e interdisciplinar dos fenômenos culturais. A função da Literatura Comparada se desenvolveu, deixando de se limitar às fronteiras nacionais e abrangendo agora uma interação mais ampla entre diversas áreas de conhecimento. Com isso, nesse campo, a Literatura conecta as literaturas de diferentes nações, os saberes e as práticas culturais distintas, o que reforça sua importância na compreensão das complexas relações entre linguagem, cultura e sociedade.

A Literatura Comparada não surge apenas para estabelecer relações entre diferentes literaturas, mas também como uma forma de conhecimento. Através da comparação, é possível identificar elementos que nos aproximam de culturas e pensamentos que, à primeira vista, parecem distantes dos nossos. Esses estudos permitem compreender e perceber que outras culturas podem ter aspectos em comum com a nossa. Conforme assegura Carvalhal (2004, p. 03):

> Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim.

Observa-se que, no contexto literário, a comparação não deve ser vista como um fim em si mesma, mas como um recurso metodológico, um procedimento de análise e interpretação que possibilita explorar mais profundamente o *corpus* de estudo. Em outras palavras, a comparação é o meio pelo qual a Literatura Comparada alcança seus objetivos de análise e compreensão.

Nesse contexto, Carvalhal (2004) destaca que a Literatura Comparada não se concentra apenas no ato de comparar, mas no que esse processo pode revelar. Ao selecionar duas obras para comparação, é necessário escolher também um tema ou área específica para conduzir a análise. Esse processo permite uma interpretação mais produtiva e abrangente, possibilitando uma abordagem crítica mais aprofundada. Consequentemente, essa metodologia contribui para uma compreensão mais elaborada das obras literárias.

À medida que as sociedades se transformam e se conectam além das fronteiras nacionais, as literaturas locais emergem, refletindo as identidades culturais singulares de cada nação. Com o crescimento da globalização e o aumento das interações culturais, a importância da Literatura Comparada se torna ainda mais evidente, pois ela possibilita a análise das conexões entre as tradições literárias de diferentes países. Assim, esse campo dos estudos literários vai além de uma mera atividade intelectual, representando uma necessidade que surge das modificações históricas, promovendo um intercâmbio cultural enriquecedor, que abrange as produções literárias de diversas culturas (Coutinho, 1996, p. 73).

Conforme a citação de Coutinho (1996, p. 73), “a Literatura Comparada é hoje, máxime nesses locais, uma seara ampla e movediça, com inúmeras possibilidades de exploração, que ultrapassou o anseio totalizador de suas fases anteriores, e se erige como um diálogo transcultural, calcado na aceitação das diferenças”. Isso evidencia que, em vez de buscar uma unificação entre culturas e literaturas, essa área de estudo visa se tornar um espaço de diálogo transcultural. Nos dias atuais, o foco está em abordar e aceitar as diferenças entre culturas e literaturas, permitindo que cada uma traga sua perspectiva sobre temas específicos.

Ao expandir suas fronteiras e redefinir o conceito de comparação ao longo dos anos, a Literatura Comparada abre caminho para uma análise mais ampla das criações artístico-culturais, incluindo a música. Assim como os textos literários, as letras das músicas têm conquistado destaque como expressão significativa, refletindo o imaginário de um país e de uma época.

A análise comparativa de músicas possibilita a compreensão das influências mútuas entre diferentes perspectivas, promovendo um diálogo entre obras literárias e musicais. Esse processo examina como elementos estéticos, temas e opiniões convergem ou divergem em torno de um mesmo assunto, em diferentes contextos culturais. Assim, a música se destaca como uma ponte intercultural, revelando como distintas sociedades expressam e transmitem suas experiências, seus valores e suas perspectivas.

É fundamental destacar que a música brasileira é um exemplo vivo de diversidade cultural, refletindo experiências sob diferentes perspectivas. O Brasil, com sua rica pluralidade étnica e cultural, incorpora essa diversidade em suas expressões artísticas, literárias e musicais. Como afirma Wisnik (2000, p. 15), “a música no Brasil é um reflexo da diversidade cultural que permeia nossa sociedade, incorporando elementos indígenas, africanos e europeus em uma síntese única e vibrante”. O autor valoriza a capacidade da música de representar os variados aspectos culturais que têm composto nosso país ao longo do tempo, criando espaço para abordar temas significativos de nossa história. Portanto, assim como outras formas de arte literária, a música torna-se um meio de preservar e celebrar nossas formações culturais.

A análise musical vai além da apreciação da melodia, assemelhando-se a uma análise literária em profundidade e abrangência. Como afirmam Cortez e Rodrigues (2009, p. 63), ao realizar uma análise poética, é necessário que “esse leitor force a visibilidade, no poema em si, de experiências sensíveis e emocionais, inclusive aquelas amortecidas, indefiníveis”. O mesmo se aplica à música: é praticamente inviável analisá-la de forma descontextualizada, sem que o ouvinte ultrapasse os limites da melodia. No terreno dos estudos acadêmicos, é indispensável considerar todo o contexto abordado pela obra musical. Essa perspectiva é reforçada por Ribeiro (2006, p. 02), que destaca:

> Sendo o próprio processo analítico uma escolha altamente contextualizada, no qual o fim irá guiar os meios, entende-se, portanto, que é impossível fazer uma análise musical descontextualizada. Isso não implica que uma análise musical deve necessariamente focalizar o contexto. No entanto, questões relacionadas ao contexto podem ser levantadas a partir de qualquer análise musical. Por isso um conhecimento prévio do contexto é absolutamente necessário para que uma análise musical possa gerar um conhecimento válido.

O autor enfatiza que, mesmo quando o contexto não é o foco principal da análise, ele permanece relevante para garantir um estudo significativo. Toda música,

afinal, busca transmitir uma mensagem ao ouvinte. Uma análise musical que desconsidere os aspectos contextuais corre o risco de ser limitada ou superficial. Ao incorporar elementos como o período em que a música foi criada, a mensagem que ela pretende comunicar e o público a que se destina, a análise se torna aprofundada.

Dessa forma, a música, enquanto conteúdo cultural, está repleta de significados que variam conforme a sociedade e o grupo ao qual se destina. Ou seja, para realizar uma análise musical, é necessário compreender o contexto em que a obra foi criada e o público que ela busca alcançar. Nesse sentido, Ribeiro (2006, p. 06) ressalta:

> Ao aceitar a cultura como ações simbólicas, compreender o contexto seria o mesmo que compreender o significado que dada sociedade dá a determinados símbolos. Entre eles a música. Dessa forma, a compreensão do contexto nos daria, de antemão, informações sobre quais elementos são importantes dentro de determinado fazer musical.

Ribeiro (2006) argumenta que, ao entender o contexto em que uma música foi criada, é possível identificar de antemão os elementos mais relevantes para sua análise e aquilo que era significativo no período em questão. Por exemplo, determinados ritmos, instrumentos ou temas podem possuir valores culturais específicos em uma sociedade, época ou para um público-alvo. Ignorar esses contextos pode levar a análises superficiais ou até mesmo equivocadas. Assim, a análise musical está intrinsecamente ligada a um entendimento mais profundo dos contextos que envolvem a letra e o som. Compreender esse contexto não apenas fornece informações sobre a música em si, mas também revela os valores, tradições e características do público para o qual ela foi concebida.

A música, profundamente conectada à cultura e ao contexto histórico, possui a capacidade de se adaptar a diferentes épocas e cenários, incorporando elementos como tecnologia, novos padrões estéticos e as diversas culturas emergentes. Falbo (2010, p. 218) reitera: “A canção possui uma característica de versatilidade que a permitiu passar por diversas mudanças ao longo do tempo, assimilando novas tecnologias, novos padrões estéticos e novas funções sociais, mas sempre mantendo seu extraordinário poder comunicativo”. O autor destaca que, independentemente das transformações pelas quais a música atravessa, ela mantém a capacidade de repassar emoções, ideias e valores. Dessa forma, a música continua a ser uma via de comunicação dentro da sociedade, preservando sua relevância enquanto se constrói e se transforma em meio a mudanças sociais.

Embora o contexto seja fundamental para a análise de uma música, não podemos negligenciar os aspectos técnicos que a envolvem. O som, a musicalidade da voz, elementos como entonação, ritmo e melodia são características substanciais que definem a música. Esses componentes, quando combinados com a letra, trabalham de forma integrada para transmitir uma mensagem de maneira mais expressiva e atingir o objetivo para o qual a música foi criada. Para ilustrar essa ideia, Falbo (2010, p. 221) diz:

> Assim, não podemos falar de uma separação entre som e significado, pelo contrário, ambos mantêm uma relação complementar na expressão vocal. Por mais elaborado que seja, o discurso verbal não prescinde destes elementos musicais para complementar ou reforçar expressivamente os conteúdos que quer vincular.

Por mais que tentemos separar a estrutura sonora e o discurso verbal em uma canção, esses elementos são inseparáveis, sendo justamente essa união que caracteriza a música. Ao compará-la com outras formas de arte, percebemos que, assim como na Literatura, onde existem estruturas específicas para diferentes gêneros como poesia, romance, novela e drama, a música também possui divisões, com gêneros como MPB, rap, samba, forró, entre outros. É por meio dessa estrutura que conseguimos distinguir a música dentro de seus próprios estilos e também em relação aos demais gêneros artísticos.

A música e os poemas literários são formas distintas de arte, porém elas se entrelaçam e, ao mesmo tempo, se diferenciam. Ambas têm a capacidade de contar histórias, abordar temas e compartilhar características específicas de estrutura e estética. Sobre isso, Vieira e Vieira (2019, p. 30) destacam:

> As letras de músicas, em situações variadas, contam histórias, criam personagens e enredos e podem ser construídas com recursos semelhantes ao da criação poética (há casos de poemas que foram musicados) e, apesar de permitirem essa interseção por características provenientes de sua materialidade e por algumas formas comuns em sua produção, são distintas, pois possuem uma série de elementos que configuram dois modos diversos de expressão.

Ao destacar as diferenças entre essas duas formas de expressão, os autores salientam que as letras das músicas, ao se fundirem com seus elementos sonoros, despertam sensações, emoções e imaginações no ouvinte. Por outro lado, a poesia, enquanto forma literária independente, não se vale da música para provocar impacto, concentrando-se unicamente na força das palavras, em sua melodia interna e na

capacidade de evocar imagens e emoções através da escrita. Apesar de apresentarem características distintas, tanto a música quanto a poesia desempenham funções semelhantes: ambas têm o poder de contar histórias, despertar sentimentos, estimular a imaginação e expressar opiniões.

4 O INFERNO NA LITERATURA E NA MÚSICA: A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS POLÍTICAS E FILOSÓFICAS

Este capítulo tem como meta analisar o *corpus* desta pesquisa de forma a responder às questões apresentadas no capítulo inicial e alcançar os objetivos que orientam o estudo. A análise está organizada em três subtópicos. O primeiro, intitulado *A divina comédia e o inferno moralista*, explora as principais características da obra de Dante Alighieri, com o intuito de destacar as semelhanças e diferenças nas representações do inferno entre as obras. O segundo subtópico, *Diário de um detento e o Inferno penitenciário*, aborda a música *Diário de um detento*, do grupo Racionais MC's, que oferece uma visão crítica e contemporânea do inferno, retratando a realidade da punição, do preconceito e da brutalidade no sistema carcerário brasileiro. Por fim, o último subtópico, *Uma análise comparativa entre A divina comédia e Diário de um detento*, realiza uma análise comparativa das duas obras, identificando aproximações entre elas sob três vertentes: a) crítica ao sistema e o abuso de poder, b) a representação do sofrimento e c) a consequência dos atos humanos.

4.1 A divina comédia e o Inferno moralista

A literatura abrange uma vasta gama de temas que refletem a complexidade da experiência humana e os problemas que afetam tanto o indivíduo quanto a coletividade, como amor, ódio, arrogância, fome, morte, identidade, entre outros. O conceito de inferno na Literatura transcende as abordagens religiosas, oferecendo um campo prolífico para explorar questões como o sofrimento, a redenção e a natureza humana. Nesse contexto, os escritores expressam suas reflexões mais profundas sobre o mal, a justiça divina ou humana, e as possibilidades - ou a falta delas - de redenção.

O inferno, na Literatura, se configura como um espaço onde as sementes de novas narrativas são plantadas, crescem e, em muitos casos, florescem em significados que reverberam ao longo dos séculos. Nesse contexto, o inferno tornou-se um tópico recorrente na arte, desde a mitologia grega até a Literatura

Contemporânea. Conforme Nogueira (2002, p. 95) observa, “o inferno, seus habitantes e seguidores, ocupam o cenário central do Imaginário europeu. No crepúsculo da Idade Média, o mundo das aparências é um mundo ao avesso”. Com esse tema recorrente na tradição europeia, surgiu a oportunidade para que o poeta Dante Alighieri, no início do século XIV, descrevesse a estrutura do inferno cristão em sua famosa obra *A divina comédia* (1321).

Dante nasceu em Florença em 1265 e, além de sua carreira literária, envolveu-se com a política, atuando ativamente na diplomacia tanto em Florença quanto em outras cidades italianas. No entanto, em 1302, após um agravamento da situação política em sua terra natal, Dante foi acusado de traição e exilado. Como aponta Duarte (2014, p. 190):

> Durante o exílio Dante escreve a Comédia, que no século XVI passou a ser denominada Divina Comédia, a arquitetura literária desta obra é muito rigorosa. [..] o poema é dividido em três partes: o Inferno, composto por 34 cantos (sendo que o primeiro serve de introdução para a obra toda), o Purgatório, possui 33 cantos e o Paraíso também possui 33 cantos.

Foi durante seu exílio que Dante escreveu *A divina comédia*. Duarte (2014, p. 192) também ressalta que, “no período medieval, eram comuns as narrativas que retratam o além”. Com o objetivo de orientar os fiéis a evitarem os pecados, Dante criou uma obra que se destacou por sua descrição detalhada do inferno, dividido em nove círculos, cada um destinado a punir um tipo específico de pecado.

Em relação à estrutura da obra, segundo os estudos de Cavalcante (2012), podemos afirmar que o poema é escrito em *terza rima* (rima em três partes), um formato que Dante introduziu. A *terza rima* é composta por tercetos com um esquema de rimas intercaladas, como ilustrado a seguir: ABA, BCB, CDC, e assim por diante. Essa estrutura confere ao poema um ritmo contínuo e fluido. *A divina comédia: Inferno* é composta por 34 cantos, incluindo um canto introdutório. Os versos são hendecassílabos (onze sílabas poéticas), um formato típico da poesia italiana.

No século XIV, o termo *comédia* era utilizado para descrever uma narrativa que começava em uma situação difícil, mas que, ao longo da obra, se resolvia de forma positiva, em contraste com a tragédia, que terminava em sofrimento ou morte. A comédia indicava uma jornada que levava à esperança e à salvação do personagem. Cavalcante (2012, p. 198) expõe que a obra recebeu o título de *Comédia* pelos motivos já mencionados, ou seja, “O livro possui o nome de Comédia, pois de acordo com o próprio Dante, se em uma tragédia grega os personagens começam em um

estado de graça e terminam em desgraça, na Comédia a narrativa segue justamente o caminho inverso.”

Cavalcante explica que o próprio autor deu à sua obra o título de *Comédia* devido à jornada que ela retrata: começando no inferno, um lugar de sofrimento, pecado e agonia, passando pelo Purgatório e culminando no Paraíso, onde Dante encontra a visão de Deus e a paz eterna. Assim, a narrativa de Dante segue um caminho que, ao longo da jornada, cresce em esperança, característica própria de uma *comédia*. Esse conceito, abordado na trilogia, oferece ao leitor uma visão moral do poema, onde o ponto de partida de Dante é o inferno, simbolizando o afastamento de Deus, passando pelo Purgatório e a obra se encerra no paraíso, representando a proximidade com Deus e a santidade.

Dessa forma, o uso do termo *comédia* destaca a transformação do protagonista e enfatiza o objetivo espiritual que permeia o poema narrativo. O adjetivo “divina” foi acrescentado anos depois por Giovanni Boccaccio, um admirador e estudioso de Dante, que atribuiu esse termo para exaltar a grandeza do poema, fazendo com que a obra passasse a ser chamada de *A divina comédia*. *A divina comédia,* de Dante, é um marco na história da literatura medieval. Borges, citado por Sterzi (2010, p. 104), ressalta a importância dessa obra tanto para a época em que foi escrita quanto para os dias atuais:

> Há uma primeira leitura da Comédia; não há uma última, já que o poema, uma vez descoberto, segue acompanhando-nos até o fim. Como a linguagem de Shakespeare, como a álgebra ou como nosso próprio passado, a Divina Comédia é uma cidade que nunca teremos explorado de todo; o mais gasto dos tercetos pode, uma tarde, revelar-me quem sou ou o que é o universo (Borges *apud* Sterzi, 2010, p. 104).

A citação de Borges enfatiza a atemporalidade da comédia dantesca, que captura o fundamento da literatura clássica e seu poder transformador. Assim como a linguagem de Shakespeare, as ciências ou nossas próprias memórias, a leitura dessa obra oferece novas perspectivas, reflexões e descobertas, desvelando camadas de compreensão que antes não percebemos. Dessa forma, a relação entre a obra e o leitor se torna uma jornada contínua, uma vez que a cada nova leitura surgem novas interpretações, fazendo com que o leitor sinta como se estivesse diante de algo novo.

A divina comédia não trata apenas do inferno, mas também condena de forma veemente a corrupção e o abuso de poder, particularmente dentro da Igreja e do governo. Dante menciona em sua obra figuras poderosas que, devido aos seus

pecados, estariam destinadas ao inferno. Além de criticar o governo, o autor denuncia a hipocrisia e a corrupção dentro da Igreja, apontando aqueles que, em vez de guiar espiritualmente seus seguidores, buscam apenas poder e riqueza.

No inferno, Dante encontra muitos indivíduos responsáveis por perpetuar violência e conflitos políticos, criticando as guerras civis e as disputas pelo poder que devastaram cidades, incluindo sua própria Florença. De maneira mais ampla, ele denuncia a decadência moral de sua sociedade, retratando uma grande diversidade de pecados e refletindo sua visão de uma época imersa em comportamentos corruptos e imorais. Por meio dessas críticas sociais, Dante expressa sua insatisfação com as condições de sua época e também oferece uma reflexão moral sobre as consequências dessas ações, tanto na vida terrena quanto na eternidade. Cavalcante (2021, p. 199) aponta a relevância de Dante em sua época, como podemos ler em:

> Os estudiosos de sua obra da literatura ocidental a posicionam como uma das obras mais importantes da história, respeitando seu caráter de clássico da literatura universal, primeiramente, por criar um novo estilo, em que Dante mistura constantemente o clássico com o vernacular, onde em uma mesma frase é capaz de permutar relações entre seres mitológicos da Antiguidade e contemporâneos a sua época.

Cavalcante destaca a importância de *A divina comédia* para a Literatura como um todo, sugerindo que Dante inova ao combinar elementos eruditos, como as figuras mitológicas, com aspectos contemporâneos de sua época. O poema foi escrito em italiano, mais especificamente no dialeto toscano de Florença, o que representou uma grande ruptura com as convenções literárias da época, já que as obras eruditas eram predominantemente escritas em latim, a língua usada pela Igreja e pelas academias. Ao optar por escrever em italiano, Dante tornou sua obra acessível não apenas aos eruditos, mas a um público mais amplo. Essa fusão de estilos e referências inaugurou uma nova forma de narrativa, rompendo com as convenções literárias anteriores, e fez de Dante uma inspiração para uma revolução na Literatura.

A obra além de ser uma jornada pessoal de Dante, é também um meio para conscientizar as pessoas sobre a importância de uma vida espiritual. Cavalcante (2012, p. 199) esclarece isso ao afirmar:

> A obra levanta valores morais da cristandade que Dante acreditava estarem perdidos em sua época. A literatura da obra busca trazer a salvação espiritual a partir das quatro virtudes cardeais, entendidas por Dante em seu mundo medieval: Força, Justiça, Prudência e Temperança e as três virtudes teológicas: Justiça, Fé e Caridade.

Cavalcante apresenta *A divina comédia* enquanto uma jornada épica do herói e como um manifesto espiritual e moral de Dante. Segundo o estudioso, Dante buscou fazer com que as pessoas refletissem seus valores cristãos, os quais acreditava serem essenciais para a vida, e os sentia ausentes em seu tempo. Assim, busca guiar o leitor à salvação espiritual, utilizando, as quatro virtudes cardeais: Força, Justiça, Prudência e Temperança. As mesmas orientam os comportamentos éticos no mundo terreno fundamentais para alcançar a vida eterna, segundo o entendimento medieval da época.

As outras vertentes que Dante utiliza são as três virtudes teológicas: Justiça, Fé e Caridade, os pilares morais de sua obra. Dessa forma, *A divina comédia* narra a viagem de Dante em busca de Beatriz e apresenta ao leitor um modelo de vida virtuoso, orientado para que os homens de sua época retornem aos valores cristãos essenciais para sua salvação. O poema se torna uma ilustração dos destinos que aguardam aqueles que se afastam das virtudes cristãs.

Ao longo do texto, o inferno é dividido em nove círculos, cada um destinado a um pecado específico cometido pelas almas em vida. Os três últimos círculos são ainda subdivididos: o sétimo círculo se divide em três, o oitavo em dez e o nono em quatro. Dessa forma, o inferno de Dante é composto por um total de 24 regiões. A seguir, os nove círculos do inferno de Dante são apresentados.

O primeiro local de punição que Dante e o poeta Virgílio encontram é chamado de “Limbo”, um lugar destinado às almas de pensadores e filósofos que viveram antes do cristianismo, aqueles que não foram batizados e aqueles que não tomaram partido, não sendo virtuosos diante de Deus, mas também não se opondo a Ele. No Limbo, as almas não sofrem dores físicas, mas permanecem vagando eternamente em separação de Deus, simbolizando a ausência de salvação. Como Dante descreve no Canto III:

> A mente aquele horror me perturbado,
> Disse Virgílio: “Ó Mestre, que ouço agora?
> Quem são esses, que a dor está prostrando?
>
> Deste mísero modo”, tornou, “chora
> Quem viveu sem jamais ter merecido
> Nem louvor, nem censura infamadora
>
> De anjos mesquinhos coro é-lhes unido,
> Que rebeldes a Deus não se mostraram,
> Nem fiéis, pois si sós havendo sido.

(Dante,1321 p.20)

Baseado em Cavalcante (2012), compreendemos que Virgílio explica a Dante que aquelas almas não merecem a glória do céu nem o tormento do inferno; estão no Limbo as crianças e pessoas que não receberam o batismo, aqueles que viveram antes de Jesus e não conheciam Deus, além de filósofos. Entre os nomes citados por Dante estão Aristóteles, Platão e Sócrates. Também encontram-se ali anjos, os quais Virgílio chama de “anjos mesquinhos” - aqueles que não escolheram nem a rebelião nem a lealdade a Deus. Por não tomarem partido e evitarem o comprometimento, eles vagam sem serem aceitos no paraíso ou se encaixando em nenhum dos círculos do inferno.

Dante descreve essas almas com profundo desprezo, acreditando que a falta de propósito e de algo pelo qual lutar é uma das formas mais miseráveis de existência. Essas almas são condenadas a uma existência vazia e interminável, vagando sem direção ou propósito, eternamente em busca de um perdão que jamais poderão alcançar. Enquanto isso, são atormentadas por vespas e moscas que as picam incessantemente. Em alguns versos, Dante descreve: “Os rostos seus as lágrimas regavam/ Misturadas de sangue: os pés caindo/ A imundos vermes o repasto davam”. As lágrimas e o sangue que alimentam os vermes simbolizam a inutilidade de suas ações, refletindo o vazio de suas vidas e a completa ausência de significado ou propósito.

Com essa descrição, Dante acentua a importância de fazer escolhas e assumir compromissos, ainda que possam ter consequências difíceis. O Limbo, portanto, é o retrato daqueles que, em vida, não buscaram a salvação, mas também não se entregaram plenamente ao pecado, vivendo em uma neutralidade que os condenou à eterna inutilidade.

Após passar pelo Limbo, ao adentrar o segundo círculo do inferno, Dante encontra Minos, o rei de Creta, que na mitologia pagã era considerado o juiz do submundo. Minos ocupa o papel de julgador, determinando o destino das almas ao decidir para qual círculo elas serão enviadas, baseado no pecado que as corrompeu. Esse segundo círculo é reservado aos luxuriosos, aqueles que se entregaram aos prazeres carnais e permitiram que a luxúria os dominasse. Dante descreve este local no Canto V como um espaço onde ventos violentos e incessantes atormentam as almas condenadas. Ele retrata a cena dizendo:

> Eis já começo da infernal geena
> A ouvir os lamentos: sou chegado
> Onde intenso carpir me aviva a pena.
>
> Em lugar de luz mudo tenho entrado:
> Rugia, como faz mar combatido
> Dos ventos, pelo ímpeto encontrado.
>
> Da tormenta o furor, nunca abatido,
> Perpetuamente as almas torce, agita,
> Molesta, em seus embates recrescidos.
>
> (Dante,1321 p.35)

À luz dos estudos de Faria (2018), é possível compreender que no segundo círculo, estas almas estão submetidas a um tormento sem fim, onde seguem sendo carregadas por ventos implacáveis, sem conseguir impedi-los. Esses ventos simbolizam a falta de controle mediante aos desejos carnais. Nesse círculo Dante descreve que grandes nomes de poder estão aprisionados, como Semíramis, rainha da Babilônia, Cleópatra, rainha do Egito, Páris e Tristão, cavaleiros dos romances medievais, entre outros nomes que foram símbolos de poder e grandeza. O som a qual Dante descreve “mar combatido dos ventos” representa o sofrimento contínuo e a falta de paz para aquelas almas.

O terceiro círculo é destinado aos que cometeram o pecado da gula, aqueles que se entregaram ao consumo excessivo e descontrolado de comida, bebida ou outros prazeres materiais. No Canto VI, Dante descreve este local da seguinte maneira:

> Sou no terceiro círculo, onde escuras,
> Eternas chuvas, gélidas caíam,
> Pesadas, sempre as mesmas, sempre impuras.
>
> Saraiva grossa, neve, água desciam
> Desse ar pelas alturas tenebrosas:
> No chão caindo infeto odor faziam
>
> Latia com três fauces temerosas,
> Cérbero, o cão multíface e furente,
> Contra as turbas submersas, criminosas.
>
> (Dante,1321 p.41)

Com base nos estudos de Duarte (2014), percebe-se que a punição para os que se deixaram dominar pelo consumo excessivo é simbolizada por uma chuva fria e impura, refletindo a natureza corrupta do pecado cometido em vida. Essa chuva, misturada com neve e granizo, cai de forma incessante e, ao tocar o chão, emana um

odor fétido, como descrito por Dante: “No chão caindo, infeto odor faziam”. Esse cenário funciona como uma poderosa metáfora para a degradação espiritual daqueles que sucumbiram ao pecado da gula, sendo agora condenados a suportar eternamente as consequências de seus excessos.

Os versos trazem Cérbero, o cão de três cabeças da mitologia grega, que atua como guardião do terceiro círculo do inferno. Ele é descrito como uma criatura feroz que atormenta as almas condenadas. Dante oferece ao leitor uma imagem sombria e visceral, reforçando a atmosfera de desespero e punição. Aqueles que em vida se entregaram de forma desmedida ao consumo agora enfrentam o tormento de uma chuva impura, refletindo os próprios excessos.

O quarto círculo do inferno de Dante é destinado aos que pecaram pela ganância, dividindo-os em dois grupos: os avarentos, que acumularam riquezas sem desapego; os pródigos, que desperdiçaram suas posses de maneira excessiva em prazeres mundanos e pecados. No Canto VII, Dante descreve a punição reservada a essas almas da seguinte forma:

> Almas em cópia, nunca vistas antes,
> Fardos de um lado e de outro, em grita ingente,
> Rolavam com seus peitos ofegantes
>
> Batiam-se encontrando rijamente,
> E gritavam depois, atrás voltando:
> “Por que tens?” “Por que empurras loucamente?”
>
> Assim no tetro círc’lo volteando
> Iam de toda parte ao ponto oposto,
> Por injúria e estribilho apregoando.
>
> (Dante,1321 p.48)

Dante descreve o quarto círculo do inferno como destinado aos avarentos e pródigos, aqueles que cometeram o pecado do excesso, seja ao acumular riquezas de forma obsessiva, seja ao desperdiçá-las sem moderação. Essas almas estão condenadas a empurrar pesos de um lado para o outro, colidindo umas com as outras enquanto repetem perguntas como *“*Por que tens?*”*, proferida pelos pródigos, e *“*Por que jogas fora?*”*, dita pelos avarentos. Essa punição simboliza o sofrimento gerado pelo apego aos bens materiais e pela falta de equilíbrio em lidar com eles. Condenados a andar em círculos, essas almas representam a visão estreita de quem vive apenas para acumular ou desperdiçar, conforme analisado nos estudos de Duarte (2014).

Ao chegar ao quinto círculo do inferno, Dante e Virgílio encontram o rio Estige, onde está reservada a punição para os que cometeram o pecado da ira. Este local é dividido entre dois tipos de pecadores: os iracundos, que foram consumidos pela raiva e a expressavam abertamente, e que agora estão condenados a uma guerra interminável na superfície do rio, lutando uns contra os outros. Essa batalha eterna simboliza a violência e a fúria que dominaram suas vidas terrenas, refletindo as consequências de sua falta de controle emocional.

Dentro do rio encontrava-se os rancorosos, o segundo tipo de pecadores, aqueles que guardaram a sua ira dentro de si mesmo, sem perdoar os que lhes magoaram, eles estão submersos no rio sendo sufocados pela lama densa, assim refletindo o sufocamento em que se fizeram viver, guardando para si uma ira sem fim, sendo indiferentes ao que sentiam, e agora no pós vida são impotentes, não podem sair daquela situação. Ao longo da jornada no espaço reservado para aqueles que pecaram com a ira, uma alma dialoga sobre o estado de sofrimento e remorso no qual aquelas almas se encontram. Este diálogo reflete sobre a miséria e o arrependimento que assombram os que foram condenados ao inferno.

Segundo a análise proposta por Faria (2018), os “sulcos na água” descritos no movimento da embarcação simbolizam o contraste entre vida e morte, enfatizando um tom sombrio e tenso. Essa imagem explora a oposição entre a pureza daqueles que atravessam o rio, sem carregar o peso do pecado da ira, capazes de mover a lama densa, e a condição impura dos condenados, que permanecem presos e sufocados pela lama. Tal contraste reforça a diferença entre aqueles que ainda têm a chance de redenção e os que estão irrevogavelmente condenados ao sofrimento eterno.

O sexto círculo encontra-se dentro da cidade de Dite, reservado para as almas daqueles que negam as doutrinas e fundamentos da igreja, os hereges. Dante descreve este lugar como um cenário sombrio, repleto de túmulos. Em diálogo com Virgílio, Dante diz:

> “Ó Mestre meu, quais foram lá no mundo”,
> Eu disse “aqueles que no duro encerro
> Denunciam tormento sem segundo?”
>
> “Aqui estão os hereges por seu erro,
> Com seus sequazes dos diversos cultos:
> São mais do que tu crês em cada enterro.
>
> Iguais com seus iguais estão sepultos,
> Uns túmulos mais que outros são carentes”.

> À destre então voltou: com tristes vultos.
>
> (Dante,1321 p.64)

Na passagem pela cidade, Dante pergunta ao seu guia quem são os que sofrem nas sepulturas em chamas. Virgílio explica quem são os hereges. Esse cenário descrito no trecho acima, enfatiza a ideia de que as almas ali condenadas, estão em total isolamento por suas próprias crenças, em um estado de separação perpétua.

A descrição a qual ele destaca: “túmulos mais que outros carentes”; deixa explícito que o grau de tormento pode variar conforme a gravidade dos erros cometidos em vida, numa escala que reflete a gravidade do pecado no entendimento durante o medievo em que o autor vivia (Cavalcante, 2012).

Ao chegarem ao sétimo círculo, Virgílio explica para Dante que esse é dividido em três partes, cada um reservado para diferentes tipos de violência. O eu lírico apresenta esta explicação no Canto XI quando diz:

> Dos círc’los o primeiro é dos violentos;
> Mas, força a três pessoas se fazendo,
> Foi construído em três repartimentos.
>
> A Deus, a si, ao próximo ofendendo,
> Nas pessoas, nos bens a força fere,
> Como hás de convencer-te, me entendo.
>
> (Dante,1321 p.75)

Nas estrofes acima, há a descrição da estrutura desse círculo, ele se divide em três categorias: 1) as pessoas aos quais cometeram violência ao próximo, como homicídios e agressões; 2) os violentos contra si mesmo, os suicidas, aqueles que abriram mão de sua vida ou as desperdiçaram em vícios; e 3) os que usaram violência contra Deus e a Natureza. O uso dessa tríade, traduz a visão teológica medieval na qual, até os dias atuais, a violência era vista como uma ofensa a Deus, a si mesmo e aos outros.

Os violentos contra os outros são condenados a um rio de sangue fervente, chamado Flegetonte (mitologia grega), onde devem permanecer submersos em diferentes profundidades, dependendo da gravidade de seus crimes. À luz dos estudos de Duarte (2014), podemos entender que o sangue no qual estão imersos simboliza o sangue das vítimas que derramaram com sua violência. Dessa maneira, aqueles que cometeram crimes menos graves encontram-se em águas rasas,

enquanto os que perpetraram atos de violência mais severos estão totalmente submersos.

O sujeito poético apresenta a figura de um Centauro (mitologia grega), que vigia e atira flechas nos condenados que tentam escapar do rio. No Canto XII, ele descreve esse cenário, onde encontra as almas de tiranos famosos, como Alexandre, o Grande; Azzelino III e outros, conhecidos na história por sua extrema violência.

No Canto XIII, Dante chega ao segundo compartimento do sétimo círculo, destinado aos violentos contra si mesmos. Os suicidas são transformados em árvores deformadas, incapazes de falar e que são atacadas pelas Harpias, criaturas da mitologia grega com corpo de ave e rosto de mulher. As Harpias destroem os galhos das árvores, fazendo-as sangrar, o que simboliza a dor contínua dos suicidas, mesmo após perderem a forma física. Dante encontra Pedro Des Viagens, secretário de Frederico II, que se suicidou após ser acusado de traição. Para aqueles que desperdiçaram suas vidas em vícios, eles são perseguidos por cães ferozes que os atacam, ilustrando, metaforicamente, os vícios que os dominavam em vida.

No Canto XIV, Dante descreve a terceira divisão do sétimo círculo, onde estão os violentos contra Deus e a Natureza. Aqueles que blasfemaram contra Cristo são condenados a um deserto árido, coberto de cinzas e com uma chuva de fogo caindo incessantemente, simbolizando a destruição e a secura de suas almas. Já os que cometeram violência contra a Natureza estão sentados em bancos de terra fervente, incapazes de se levantar, carregando bolsas pesadas que representam o peso de seus pecados.

De acordo com os estudos de Faria (2018), os castigos descritos por Dante refletem suas próprias crenças sobre a justiça, evidenciando a relação entre os pecados e suas consequências. A estrutura e os detalhes de cada punição são formas pelas quais o autor explora as questões morais de sua época, usando-as como metáforas para os dilemas éticos e espirituais da sociedade medieval.

O oitavo círculo do inferno, um dos mais complexos da *A divina comédia*, é conhecido como Malebolge e é reservado para os fraudadores, que são punidos conforme a natureza de suas fraudes. Esse círculo é dividido em dez fossos, sendo cada um destinado a um tipo específico de fraude. Dante descreve esse lugar da seguinte maneira:

> Tem o inferno, de rocha construído,
> De férrea cor, de muro igual cercado

> Um lugar: Malebolge o nome havido.
>
> Lá no centro plaino inficionado
> Se escancara grão poço, amplo e profundo:
> Direi a compostura em tempo asado.
>
> Espaço em torno estende-se rotundo
> Entre o poço e o penhasco pavoroso:
> Reparte-se em dez cavas o seu fundo
>
> (Dante,1321 p.121)

Com base nos estudos de Cavalcante (2012), entende-se que o trecho extraído do poema recria o inferno como um espaço cercado por rochas e muros, evocando no leitor uma sensação de rigidez e aprisionamento. A menção ao “grão poço, amplo e profundo” ressalta uma estrutura grandiosa e aterrorizante, simbolizando a gravidade dos pecados ali punidos: quanto mais profundo, maior a gravidade das transgressões.

Os dez fossos do oitavo círculo do inferno são descritos por Cavalcante (2012) da seguinte forma: no primeiro, encontram-se os alcoviteiros, condenados a serem açoitados por demônios com chicotes, uma punição que simboliza o sofrimento que causaram ao manipular os desejos alheios. No segundo fosso, estão os aduladores, submersos em excrementos, representando a futilidade de suas promessas e a impureza de suas ações em vida. No terceiro fosso, estão os simoníacos, aqueles que corromperam a Igreja; eles são colocados de cabeça para baixo em buracos, com os pés em chamas, enquanto demônios os golpeiam, refletindo o castigo para sua avareza espiritual e corrupção.

No quarto fosso, encontram-se os impostores, pessoas que usaram palavras para enganar os outros. Eles são condenados a ter os rostos e pescoços voltados para as costas, sendo obrigados a caminhar ao contrário. Essa punição simboliza, de forma metafórica, as mentiras que os guiaram durante a vida, causando dor e sofrimento aos outros. No quinto fosso, estão os trapaceiros, aqueles que se aproveitaram de posições de poder ou traíram a confiança de seus superiores; eles são mergulhados em piche fervente, representando a sujeira moral de suas ações. O sexto fosso é reservado aos hipócritas, que carregam capuzes dourados por fora, mas pesados e sufocantes por dentro, refletindo a dualidade de sua natureza: aparência de virtude e falsidade interior.

No sétimo fosso estão os ladrões, condenados a serem atacados por serpentes, transformando-os em cinzas. Em seguida, eles renascem, repetindo o ciclo de dor, simbolizando a natureza destrutiva e cíclica de seus atos. No oitavo fosso,

encontram-se os fraudulentos, que Dante chama de falsos conselheiros; esses são envoltos em chamas, cada alma encoberta pelo fogo, representando as mentiras ardentes que disseminaram em vida. Já no nono fosso, estão os semeadores de cismas, responsáveis por causar divisões e escândalos, tanto civis quanto religiosos. Essas almas são cortadas ao meio, refletindo a fragmentação e ruptura que provocaram em suas ações terrenas.

O décimo e último fosso é reservado aos falsificadores, divididos em categorias: os alquimistas, que falsificaram metais; os impostores, que enganaram os outros com falsas identidades; os falsificadores de moedas; e os mentirosos. Esses pecadores são punidos com terríveis doenças, como lepra, úlceras, uma sede insaciável e febres intensas, simbolizando a degradação moral e a corrupção gerada por suas ações enganosas em vida.

As punições no Malebolge possuem um profundo simbolismo, representando de forma severa a natureza dos pecados cometidos. Cada penalidade é cuidadosamente elaborada para que os pecadores sintam de maneira concreta e dolorosa as consequências de suas ações.

No nono e último círculo do inferno, Dante o divide em quatro regiões, cada uma reservada a diferentes tipos de traidores. Essas divisões refletem graus variados de gravidade na traição. O autor descreve esse círculo como um vasto lago congelado, no qual as almas são aprisionadas em diferentes profundidades no gelo. Durante um diálogo com Alberico de Manfredi, um frade condenado por assassinar dois de seus parentes, ele revela que esse é o único círculo onde a alma do pecador cai imediatamente no inferno ao cometer o ato de traição. Enquanto isso, o diabo assume o corpo do pecador ainda em vida, até o momento de sua morte. No Canto XXXIII, o diálogo entre eles esclarece que:

> Se o lenitivo queres, que tens dito,
> Teu nome diz: “se não me desobrigo,
> Desça eu do gelo ao pelágio maldito”
>
> Respondeu logo: “Eu sou frei Alberigo,
> Pelos pomos fomoso do mau horto:
> Aqui recebi tâmara por figo”
>
> “Oh!”, disse, “porventura tu 'stás morto?”
> “Não sei como é meu corpo lá no mundo”
> Tornou, “e se vivendo tem conforto”.
>
> (Dante,1321 p.231)

O diálogo revela que Alberico, embora sua alma já esteja sendo punida no inferno, ainda possui um corpo considerado “vivo” no mundo dos vivos. No entanto, esse corpo está sob o controle do diabo. Essa condição reflete a visão do eu-lírico de que a traição é o mais grave dos pecados, de tal forma que, ao cometê-lo, a alma do pecador é condenada, sem esperar pela morte física.

O nono círculo, como mencionado anteriormente, é dividido em quatro regiões, sendo a primeira chamada de Caína, em referência a Caim, que assassinou seu próprio irmão. Nesse espaço, encontram-se os traidores da família, aqueles que agiram contra os laços sanguíneos. Essas almas estão parcialmente submersas no gelo, com o rosto e os olhos visíveis, mas congelados até a cintura, incapazes de se mover. Essa punição simboliza a frieza e a desumanidade presentes no ato de trair os próprios familiares.

A segunda região é a Antenora, em referência a Antenor, o troiano que ajudou os gregos na conquista de Tróia. Nela estão os traidores de sua pátria ou de seu povo. Essas almas estão submersas até o rosto, simbolizando o peso e a dor que suas ações causaram a toda uma nação. Em seguida, encontra-se a Ptolomeia, nomeada em alusão a Ptolomeu, que traiu Pompeu. Esse espaço é reservado para os traidores dos amigos. Essas almas estão congeladas deitadas, com os olhos abertos e voltados para cima, mas incapazes de enxergar, simbolizando o sofrimento causado aos amigos, que, mesmo atentos, não perceberam a maldade daqueles em quem confiavam.

Segundo Faria (2018), a região de Judeca é dedicada aos traidores de benfeitores e senhores, e nela as almas estão completamente submersas no gelo. Esses traidores vivem um sofrimento constante, com suas almas sendo consumidas eternamente. No centro de Judeca, encontra-se Lúcifer, o maior traidor, líder da rebelião contra Deus, preso no gelo até a cintura. Dante descreve Lúcifer como um ser com três bocas, mordendo eternamente os três maiores traidores da história: Judas Iscariotes, Bruto e Cássio. O gelo nesse círculo simboliza a frieza emocional e a perda total da humanidade após a traição, refletindo a gravidade do pecado cometido.

Em suma, o inferno de Dante representou uma ruptura na literatura medieval, sendo uma jornada de autoconhecimento e reflexão sobre as escolhas humanas. A travessia de Dante pelo inferno conduz o leitor a confrontar suas próprias ações e a

questionar o conceito de justiça. O poema perpetua uma lição sobre fé, moral e esperança, transmitida até os dias atuais de diversas formas e interpretações.

4.2. *Diário de um detento* e o Inferno penitenciário

A formação do grupo Racionais MC's representa um marco importante na história do rap e da cultura hip-hop brasileira. Segundo Vieira e Lima (2023, p. 18), "após o encontro de B.B. Boys com Edi Night e KL Night no edifício Copan, onde os artistas estavam gravando músicas para a coletânea *Consciência Black*, ocorreu a formação dos Racionais MC's". Esse encontro foi fundamental para a criação de um dos grupos mais influentes do rap nacional, que alcançou o estrelato e a relevância necessária com o lançamento do álbum *Sobrevivendo no Inferno*.

O álbum *Sobrevivendo no Inferno*, que inclui a música *Diário de um detento*, foi lançado em 1997 e é considerado um marco tanto na música quanto na cultura brasileira. Este álbum vai além de uma coleção de músicas, ele é um poderoso grito de resistência e uma denúncia social. Suas letras abordam temas como violência policial, racismo, desigualdade no país e a luta pela sobrevivência nas periferias. O álbum deu voz a milhares de jovens marginalizados e destacou questões urgentes sobre justiça social e identidade negra no Brasil. Como afirma Martins (2018, p. 260):

> É importante destacar o papel do grupo Racionais Mc's na construção de uma conjuntura de resistência a padrões eurocêntricos da cultura. As letras das músicas valorizavam uma estética negra: cor de pele e seu cabelo afro. Além disso, a própria projeção do grupo, tido hoje como um dos maiores grupos de RAP do Brasil, significou o surgimento de novos referenciais de sucesso para a população jovem e negra brasileira.

Os Racionais MC's desempenharam um papel crucial na construção de uma resistência cultural, impactando toda uma geração ao expor um Brasil que raramente era abordado nas narrativas predominantes. Eles desafiaram e questionaram os padrões eurocêntricos da sociedade, oferecendo uma nova perspectiva sobre a realidade dos negros no país. As letras de suas músicas celebram a negritude, exaltando características como a cor da pele e o cabelo afro, símbolos que reforçam a identidade e o orgulho racial, desafiando a imagem de opressão que os negros enfrentaram ao longo dos séculos.

Segundo Martins (2018), o sucesso dos Racionais MC's, hoje um dos grupos mais reconhecidos do rap brasileiro, trouxe novas referências de sucesso para a juventude periférica, oferecendo uma alternativa musical que se distanciava da predominância de figuras brancas nas canções da MPB da época. Essa representatividade teve um impacto profundo na cultura popular, mostrando que a música poderia ser poderosa para a reivindicação de espaço e direitos sociais para as populações marginalizadas. As letras do grupo se transformaram em vozes de resistência e inclusão, não apenas fortalecendo as comunidades periféricas, mas também consolidando o rap como um instrumento crucial de autoafirmação e transformação social. Esse movimento abriu caminho para que outras vozes, antes silenciadas, fossem ouvidas e reconhecidas pela sociedade brasileira. Oliveira (2022, p. 06) ressalta a importância do grupo, afirmando que:

> Contudo, outro aspecto fundamental do disco que por vezes não recebe o mesmo nível de atenção, é o elevado teor de complexidade estética dessa perspectiva. Sem exageros, podemos dizer que poucas vezes a realidade nacional foi analisada e representada com um olhar tão complexo, considerando-se inclusive as instâncias discursivas mais consagradas, como a academia e a literatura.

As letras do álbum apresentam uma conexão com referências literárias, utilizando passagens bíblicas, metáforas, declarações de redenção e outros recursos, criando um universo estético que convida o ouvinte a vivenciar o inferno diário das periferias, um retrato raro e profundo, com particularidades que raramente são vistas na música nacional. *Sobrevivendo no Inferno* se destaca por empregar o rap como uma forma de discurso estético e político. No contexto de produção, em que a violência urbana e as desigualdades sociais eram questões evidentes no Brasil, o álbum se configurava como um manifesto da juventude periférica. Com uma estética carregada de significados, *Sobrevivendo no Inferno* realiza uma crítica social e cria um espaço de diálogo entre as comunidades marginalizadas e a sociedade em geral, oferecendo, de forma crua e direta, uma visão complexa e profunda da realidade brasileira. Vieira e Lima (2023, p. 20) acrescentam:

> De acordo com eles, foi a partir de seu lançamento que começaram a ganhar dinheiro fazendo rap. Isso a princípio causou estranhamento, pois não queriam fama e nem que as músicas ficassem tocando nas rádios, mas gostariam de "tocar no coração dos pretos para falar com eles" já que viam suas produções como expressivas do "trabalho social" do rap. Nesse período o Racionais MC's já era criminalizado pela mídia e pelas forças de segurança

> por denunciar as formas de violência, exclusão e abandono em que estavam submetidas as pessoas negras, pobres e periféricas.

Vê-se que o grupo não tinha como objetivo a fama nem aspirava a prêmios; sua principal missão, ao formar os Racionais, era conscientizar a população negra e estabelecer uma comunicação direta com ela. Para os integrantes, o rap era um instrumento de conscientização, resistência e de amplificação da voz da periferia. Naquela época, a criminalização dos Racionais pela mídia e pela polícia refletia a forma como se abordavam temas como violência nas ruas, corrupção política e policial, racismo estrutural e desigualdade que permeia as periferias. Suas letras recriavam a realidade das favelas, muitas vezes eram vistas como incitação à violência, quando, na verdade, eram apenas uma exposição da vida de quem vivia à margem da sociedade brasileira.

Dessa forma, o rap se transformou em maneira de protesto e conscientização, sendo usado para denunciar injustiças e desmascarar um sistema corrupto e violento. Segundo Vieira e Lima (2023, p. 20), “ao narrar a violência do braço armado do Estado (as polícias) em tom de revolta, explicitando a reação dos rappers ao racismo institucional enfrentado cotidianamente, o grupo chama a atenção das autoridades, especialmente da Polícia Militar, e passa a ser alvo de perseguições”. Ao denunciar a violência policial e o racismo, a revolta expressada nas letras dos Racionais não passou despercebida principalmente pelas autoridades da época, ao trazer à tona o papel repressivo do Estado e expor a brutalidade da polícia, o grupo desafiava as forças de segurança nacionais, tornando-os uma ameaça à corporação, o que intensificava a vigilância e a repressão quando se tratava do grupo.

Essa postura provocadora gerou reações intensas, pois suas letras não apenas retratavam a realidade das favelas brasileiras, mas também questionavam a legitimidade de um sistema que, para eles, era fundamentado na exclusão e na opressão das classes mais vulneráveis. Em diversos momentos da trajetória do grupo, a força policial tentou silenciar a voz dos Racionais, que ecoava nas periferias de todo o Brasil e ganhava força entre a juventude dessas regiões. Para os Racionais, a resposta violenta das autoridades apenas reforçava a denúncia que já faziam: um sistema injusto que, em vez de proteger e servir a todos, escolhia quem merecia sua proteção. Esse ciclo de perseguição contribuiu para consolidar ainda mais o grupo como uma referência na luta antirracista e contra a violência do Estado, trazendo à tona uma noção central, como o abolicionismo penal.

Uma das músicas que intensificou ainda mais a perseguição que o grupo sofria foi *Diário de um detento*. A canção foi escrita com a colaboração de Jocenir Prado, um ex-detento. A música oferece uma perspectiva rara sobre a vida dentro das prisões brasileiras, evidenciando o horror vivido no dia do massacre. No qual 111 pessoas foram mortas pela Polícia Militar durante uma intervenção no presídio, expôs a violência extrema e as injustiças enfrentadas pelos presos, além de revelar as falhas e a corrupção do sistema penitenciário brasileiro. Vieira e Lima (2023, p. 21) destaca a importância dessa música, afirmando que:

> Todas as músicas de Sobrevivendo no Inferno explodiram, mas "Diário de um Detento" foi o grande destaque. Escrita na interlocução com sujeitos do sistema carcerário, mais especificamente Jocenir, traz um relato do massacre do Carandiru ocorrido em 2 de outubro de 1992, revelando as contradições do dia a dia dentro da prisão e os elementos que levaram a esse acontecimento.

A letra de *Diário de um detento* narra os acontecimentos do massacre e levanta pautas nos aspectos psicológicos e sociais da vida no cárcere, trazendo à tona o desespero, a desumanização, a revolta e o desamparo vivenciado pelos presos. O relato de Jocenir trouxe um ponto de vista no qual só quem esteve lá pode sentir. Isso permitiu aos Racionais MC's representar as vozes dos marginalizados e oprimidos. A música se tornou um contraponto ao Estado, evidenciando as condições insalubres nas prisões brasileiras.

De acordo com os estudos de Oliveira (2018), o grupo abriu um diálogo difícil sobre o papel do sistema penitenciário e a brutalidade policial. A música possui uma voz em primeira pessoa, a de um detento que compartilha suas vivências, seus pensamentos e suas emoções dentro da prisão. Esse ponto de vista imersivo, envolve o público ao descrever sentimentos como a espera angustiante e interminável, o tédio, a violência, o medo e a culpa. Esses elementos fazem com que o ouvinte se conecte emocionalmente com as situações vividas pelos detentos. No trecho abaixo, percebemos as críticas presentes na letra da canção:

> Você não sabe como é caminhar
> Com a cabeça na mira de uma HK
> Metralhadora alemã ou de Israel
> Estraçalha ladrão que nem papel
>
> Na muralha, em pé, mais um cidadão
> José Servindo um Estado, um PM bom
> Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo
Ele sabe o que eu penso

A música começa trazendo o ouvinte para a realidade que será relatada ao longo da canção: “Você não sabe como é caminhar/ Com a cabeça na mira de uma HK”. O verbo “caminhar”, que normalmente denotaria uma atividade cotidiana e simples, adquire uma conotação de risco mortal, transformando esse gesto comum em um motivo de apreensão e medo. A caminhada deixa de ser algo trivial e se torna um ato perigoso e ameaçador, onde cada passo é minuciosamente vigiado. A expressão “cabeça na mira” destaca a sensação de vulnerabilidade, transmitindo o medo constante de que a vida pode ser interrompida a qualquer momento, evidenciando a fragilidade da existência, que pode ser perdida a qualquer instante.

O trecho que menciona a HK, uma arma de origem alemã, e faz referência a armamentos israelenses, adiciona camadas sombrias e profundas à canção. Esses não são apenas instrumentos de violência, mas símbolos de tecnologias avançadas de nações historicamente associadas à guerra e à vigilância militar. Tais armas, tão distantes da realidade das ruas, se materializam no ambiente prisional, transformando-o em um campo de batalha e refletindo o poder absoluto e mortal do Estado sobre os indivíduos. Ao citar armamentos estrangeiros, os Racionais criticam fortemente o uso de tecnologias bélicas importadas para o Brasil, denunciando o impacto da militarização e da violência externa nas realidades locais.

À luz dos estudos de Oliveira (2018), podemos entender que a linguagem dos Racionais carrega uma crítica implícita em cada verso de sua música. A figura do “José” simboliza um homem comum, um “Zé”, anônimo e despersonalizado, representando qualquer policial presente naquele dia - um cidadão que, em teoria, deveria dividir os mesmos direitos e dificuldades de outros brasileiros. No entanto, ele é colocado “na muralha”, uma metáfora que distancia os dois mundos, o dos detentos e o da sociedade, refletindo o afastamento dos prisioneiros de qualquer tipo de integração social.

A fome mencionada, que o policial sente, é uma ironia dos Racionais, mostrando que aquele que exerce o poder do Estado passa pelos mesmos sofrimentos daqueles que ele vigia. Ao apresentar o policial como um “bom policial”, ele também se torna vítima de um sistema que não funciona nem mesmo para aqueles que o servem. No trecho “Metido a Charles Bronson”, a ironia se intensifica. Charles

Bronson, famoso por interpretar personagens vigilantes e justiceiros, simboliza o homem que se coloca acima da lei. O policial, ao tentar se comparar com Bronson, adota uma postura de dureza e violência, criando uma distância moral entre ele e os prisioneiros.

Nos versos “Ele sabe o que eu desejo/ Ele sabe o que eu penso”, há uma carga de silêncio e ameaça, representando uma comunicação silenciosa entre o prisioneiro e o policial, entre o observador e o observado. Esse momento atribui um papel enigmático à canção. Em “Diário de um detento”, esses versos constroem, desde o início, uma narrativa de confronto entre o prisioneiro e o Estado. Com uma linguagem direta e intensamente imagética, os Racionais transformam o ambiente carcerário em território crítico frente a um sistema que já não funciona, nas primeiras linhas da música, a composição já aponta para essa crítica. Nos versos seguintes, vemos a angústia dos que vivem à margem da sociedade, quando diz:

> Será que Deus ouviu minha oração?
> Será que o juiz aceitou a apelação?
> Mando um recado lá pro meu irmão:
> Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão

O trecho começa com uma pergunta, criando uma dualidade entre a fé e o sistema jurídico, um contraste que ressalta o desespero diante da dúvida e da impotência. A primeira pergunta expressa uma busca por conforto espiritual, um diálogo com Deus, visto como o último refúgio diante da incapacidade de mudar sua situação. Essa oração soa como um grito de socorro, uma tentativa de romper as limitações do cárcere com algo além do poder terreno: a intervenção divina. Na sequência, a segunda pergunta serve como um choque de realidade, trazendo o prisioneiro de volta ao seu contexto, onde o juiz, figura do poder, decide o destino dos condenados, funcionando como o intermediário entre a esperança do prisioneiro e a dura realidade. A estrutura das perguntas, em sequência, sublinha a esperança daqueles que se veem impotentes sobre o futuro e incapazes de agir, ficando à mercê tanto da fé quanto da justiça humana. Deus, simbolizando a fé e o julgamento final, e o juiz, representando a humanidade e as falhas do sistema.

No excerto: “Mando um recado lá pro meu irmão:/ Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão”, o tom se torna mais direto. Ao adicionar um imperativo inesperado, os Racionais conferem um caráter comovente à canção. O “recado” carrega tanto um pedido quanto uma ameaça, expressando o desejo de proteger o

irmão, mesmo à distância, das escolhas que ele próprio talvez tenha feito no passado. A intenção é evitar que o irmão siga pelo mesmo caminho que ele, mostrando a tentativa de interceder e impedir que ele enfrente o mesmo destino.

Em “Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão”, o narrador tenta prevenir o irmão de um destino que ele não deseja para ele, mas também revela o desejo de ter controle ou autoridade sobre a vida de alguém, algo que foi perdido a partir do momento em que foi condenado à prisão. Essa fala carrega o peso de quem conhece o destino daqueles que escolhem o caminho das drogas e do crime. O trecho ilustra como o psicológico dos excluídos da sociedade é afetado, mostrando o conflito interno do narrador, que questiona sua fé e o sistema judiciário, mas também revela sua resistência, a tentativa de manter sua impotência sob controle e o desejo de continuar conectado ao mundo externo. Já a estrofe a seguir revela a complexidade da condição humana no sistema prisional, destacando as histórias pessoais de cada indivíduo encarcerado:

> Cada detento, uma mãe, uma crença
> Cada crime, uma sentença
> Cada sentença, um motivo, uma história
> De lágrima, sangue, vidas e glórias
> Abandono, miséria, ódio, sofrimento
> Desprezo, desilusão, ação do tempo
> Misture bem essa química
> Pronto: eis um novo detento

Baseados nos estudos de Vieira e Lima (2023), podemos perceber que as duas primeiras linhas da estrofe nos conduzem à ideia de que cada pessoa encarcerada é uma vida única, com um conjunto de crenças, características, caráter e ideias que a definem, e que, de alguma forma, permanece intacto mesmo diante das condições adversas vividas dentro de uma prisão. A palavra “mãe” carrega um significado de afeto, amor e proteção. Ao mencioná-la no verso, os Racionais ressaltam a humanidade do prisioneiro, alguém que mantém as raízes de sua infância e que guarda o amor de sua mãe, que estaria ao seu lado independentemente das circunstâncias.

A expressão “uma crença” destaca a importância da fé pessoal de cada detento, contrapondo-se à ideia de criminalidade. A crença sugere que, mesmo diante dos erros cometidos, há uma busca por sentido e esperança em cada indivíduo. Ao abordar tanto as relações humanas, mencionando a mãe, quanto às convicções

espirituais, ao falar de crenças, o verso revela a complexidade e o valor individual do prisioneiro - aspectos que o sistema penal frequentemente ignora, focando apenas na sentença.

Nos versos seguintes: “Cada sentença, um motivo, uma história/ De lágrimas, sangue, vida e glórias”, cada sentença possui uma profunda carga emocional. Cada decisão judicial, seja ela simples ou severa, está vinculada a “um motivo, uma história”, os Racionais levantam uma reflexão sobre o sistema judiciário, que muitas vezes julga ações sem levar em consideração as histórias por trás delas. Diversas vezes, pessoas são presas injustamente, porque suas histórias não são contadas ou ouvidas.

A sequência “lágrimas, sangue, vidas e glórias” simboliza uma ordem trágica. Os elementos que compõem a trajetória de vida nas periferias. As lágrimas representam o sofrimento de muitas Marias e Josés que enfrentam a marginalização, a fome e a falta de apoio do Estado. O sangue é o preço pago por muitos, a violência que marca o crime, que em muitas periferias é a única “lei” que eles conhecem. A vida, aquilo que é vivido e que persiste mesmo atrás das grades, e a glória, perdida, mas mantida nas memórias de muitos detentos. Esses elementos refletem a dureza da vida periférica, destacando as lutas e a falta de oportunidades, o que leva grande parte à única opção disponível: o caminho do crime.

Em “Abandono, miséria, ódio, sofrimento/ Desprezo, desilusão, ação do tempo” vemos uma lista de sentimentos e circunstâncias que criam um ciclo doloroso e interminável. Essas palavras revelam uma realidade presente no cotidiano das periferias, onde tais condições e emoções frequentemente empurram jovens para o crime. Não como uma escolha, mas como consequência de uma série de situações que vão formando o caráter e o destino de quem cresce rodeado pela violência, pelos abandonos familiar e do Estado, pela falta de oportunidades e de segurança.

As últimas linhas da estrofe apresentadas na página anterior funcionam como uma metáfora, transformando as palavras em ingredientes para uma reação inevitável: “um novo detento”. O verso sugere que o sistema social e econômico opera como um laboratório de fabricação de prisioneiros, criando um ciclo de exclusão que resulta no encarceramento de seus próprios cidadãos. Ao misturar abandono, miséria, desilusão e desespero, forma-se uma fórmula cruel, repetidamente aplicada pela sociedade nas vidas dos mais vulneráveis. A palavra “pronto” carrega um tom irônico, indicando que, uma vez que esses elementos se combinam, o destino do indivíduo já

está selado. O verso final denuncia o ciclo vicioso de produção de prisioneiros pela sociedade, que os abandona e os deixa à margem.

Esse trecho de “Diário de um detento” constrói um retrato literário, revelando que muitos prisioneiros são, na verdade, o reflexo de uma vida marcada por sofrimento e abandono. Os Racionais MC’s não se limitam a descrever um indivíduo encarcerado, mas fazem uma crítica contundente à estrutura social opressiva, questionando as origens e os destinos dos detentos, que antes de tudo, são filhos, pais, seres de fé e com histórias próprias. A passagem adiante ratifica a crítica à realidade do sistema prisional e à forma como o Estado trata a população marginalizada, quando os Racionais afirmam:

> Lamentos no corredor, na cela, no pátio
> Ao redor do campo, em todos os cantos
> Mas eu conheço o sistema, meu irmão
> Aqui não tem santo
> Ratatatá, preciso evitar
> Que um safado faça minha mãe chorar
> Minha palavra de honra me protege
> Pra viver no país das calças bege

A letra escrita por Mano Brown e Josemir possui imagens de violência, abandono e resistência do indivíduo que vive à margem da sociedade. A estrofe começa com “lamentos no corredor, na cela, no pátio”, criando a atmosfera da prisão, onde os lamentos dos encarcerados ecoam por todo o prédio, representando um cenário de tristeza e solidão. Isso revela que a prisão não é apenas uma punição física, mas também psicológica e emocional. Nos versos “eu conheço o sistema, meu irmão/ aqui não tem santo”, o eu-lírico demonstra uma profunda compreensão de que, dentro da prisão, não há espaço para misericórdia e benevolência. O termo “sistema” não se limita à prisão, mas refere-se ao conjunto de instituições que marginalizam, criminalizam e punem de maneira desproporcional a população periférica e negra. “Aqui não tem santo” sugere que todos são culpados, seja pelos outros detentos, pelos guardas ou por si mesmos, criando um ambiente de desconfiança e sobrevivência constante.

Como descrito nos estudos de Oliveira (2018), a violência permeia toda a música dos Racionais MC’s, conduzindo à compreensão de que o verso “ratatatá, preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar” expressa uma violência constante dentro do cárcere. “Ratatatá” é uma onomatopeia que simula o som de tiros,

sugerindo o perigo que os rodeia, enquanto o medo de “fazer a mãe chorar” reflete o ambiente hostil em que vivem. Esse verso destaca a falta de confiança de leis que dominam o espaço prisional, fundamentadas na violência do sistema carcerário e na lei do crime, que, mesmo dentro da prisão, continua em vigor.

No trecho “minha palavra de honra me protege” representa a construção do eu-lírico, que, mesmo em um lugar onde todas as normas são impostas pela força, mantém sua dignidade e um código de honra como uma das poucas coisas que lhe dão valor e sentido. Já o verso “país das calças bege” serve como uma crítica à realidade dos encarcerados, que, embora façam parte do mesmo país que deveria protegê-los e julgá-los de forma justa, estão excluídos da cidadania plena e dos direitos básicos. Em vez disso, enfrentam a luta pela sobrevivência, contando com a sorte de acordarem vivos no dia seguinte, enquanto lidam com a falta de higiene, medicamentos e o abandono, tendo apenas sua palavra de honra como proteção em meio a tamanha violência. Os versos seguintes apresentam uma crítica à desvalorização e ao descaso com a vida humana nas periferias e no sistema prisional do Brasil. Racionais MC's questionam a maneira como o país enxerga as pessoas:

> O ser humano é descartável no Brasil
> Como modess usado ou bombril
> Cadeia guarda o que o sistema não quis
> Esconde o que a novela não diz

A estrofe começa com o verso “O ser humano é descartável no Brasil”, expondo a visão do eu-lírico e destacando o baixo valor atribuído à vida humana no país. Aqui, o ser humano é tratado como algo que pode ser descartado a qualquer momento, refletindo a desumanização e o genocídio das pessoas pobres, especialmente dos encarcerados. A comparação feita em “como modess usado ou Bombril” sugere objetos descartáveis e baratos, que só têm valor enquanto são úteis, reforçando a ideia de que a vida das pessoas marginalizadas é vista com desprezo pela sociedade.

Com base nos estudos de Martins (2018), podemos compreender a mensagem quando o eu-lírico afirma que “a cadeia guarda o que o sistema não quis”. A cadeia, nesse contexto, assume o papel de “depósito”, um local onde a sociedade armazena aquilo que rejeitou. Em vez de enfrentar a violência e a marginalização das periferias, o sistema opta por medidas eugenistas, como a de “descartar” essas pessoas, esquecendo-as em prisões, onde são negligenciadas e se tornam apenas mais um número nas pilhas de processos que o juiz deve julgar.

Ao mencionar a mídia, no verso “Esconde o que a novela não diz”, os Racionais MC’s reforçam sua crítica à forma como a mídia omite a sombria realidade das periferias e prisões. As novelas, jornais e as demais mídias, retratam uma visão idealizada e superficial da sociedade, enquanto questões graves e temas sensíveis são frequentemente negligenciados, mantendo-se invisíveis aos olhos da população.

Racionais MC's, ao compor esta canção, utiliza uma linguagem direta e revela verdades sobre a sociedade. O sistema prisional é descrito como um inferno de exclusão extrema, onde os indivíduos são esquecidos e tratados como meros números. A letra destaca que o problema não reside apenas nas prisões, mas na forma como a sociedade esconde o descarte de vidas. A marginalização começa nas favelas - os quartos de despejo, como elaborou Carolina Maria de Jesus -, onde os moradores são rejeitados, abandonados e ignorados, sendo muitas vezes condicionados à vida no crime. Essa é uma realidade invisibilizada e silenciada e, portanto, não resolvida.

4.3 Uma análise comparativa entre *A divina comédia e Diário de um detento*

A análise a seguir desdobra alguns versos, explorando seu simbolismo e poética, comparando as visões distintas de inferno que, embora oriundas de épocas diferentes, dialogam entre si. Dante utiliza o inferno como uma reflexão moral e espiritual, tratando da punição justa e do sofrimento dos pecadores como um lembrete de como os erros humanos são julgados pela justiça divina. Já os Racionais MC's, em sua música “Diário de um detento”, apontam que o inferno é aqui, uma construção humana, resultado de escolhas políticas e indiferenças sociais. A canção explora a dor e o abandono das pessoas não como um julgamento divino, mas como uma condenação imposta pela sociedade.

Por se situarem em épocas diferentes, as linguagens das duas obras são distintas. Dante utiliza uma linguagem poética, repleta de símbolos, característica da literatura medieval e renascentista, com alusões bíblicas e mitológicas. Em contraste, a linguagem dos Racionais MC’s é direta e coloquial, refletindo a realidade cotidiana dos jovens periféricos. No entanto, tanto Dante quanto os Racionais exploram o sofrimento humano em ambientes de condenação, oferecendo uma crítica ao

comportamento humano e às falhas das estruturas de poder, denunciando as injustiças presentes em suas respectivas sociedades.

Dante critica os vícios e os pecados que conduzem ao inferno, enquanto os Racionais MC's criticam o sistema político e social que perpetua a desigualdade, criando um "inferno na terra", especialmente para os marginalizados. Tanto o poeta italiano quanto o grupo de rap brasileiro reprovam e denunciam a opressão e o abuso de poder em suas respectivas épocas, servindo como críticas poderosas ao conceito de inferno, ambas atuando como espaços de conscientização, embora de naturezas diferentes. Isso pode ser observado nos seguintes versos de *A divina comédia: Inferno*:

> Afatta de Florença levarão, que já padece?
> Algum justo ali vive? A que motivo
> A cizânia se deve, que ali cresce?"
>
> "Virão a sangue após ódio excessivo;
> E o partido selvagem triunfante
> O outro lançará feroz e esquivo.
>
> (Dante,1321 p.44)

No trecho acima, há uma crítica à corrupção moral e ao ódio que alimenta as disputas entre as facções locais da época. Ao perguntar "Algum justo ali vive?", Dante revela a ausência de justiça em Florença, sua cidade natal, sugerindo que ela está corrompida ou até extinta. Ele defende que o abuso de poder destrói a justiça, já que aqueles que a representavam foram silenciados pelas forças dominantes da região. A resposta à pergunta, "Virão a sangue após ódio excessivo", ressalta o ciclo de violência gerado pelo ódio. Em seguida, ele menciona o "partido selvagem triunfante", simbolizando a vitória de facções sobre o bem comum.

Para Dante, a vitória é construída sobre a violência e o ódio, não no verdadeiro triunfo, mas na desigualdade, no abuso de poder e na degradação moral que permeia sua época. Ao descrever a situação de Florença, denuncia a condição da cidade e faz uma crítica universal e atemporal ao abuso de poder e à corrupção. O trecho é, portanto, uma denúncia da ganância e da violência que emergem quando o poder é exercido sem justiça, afastando-se da construção de uma sociedade justa. De forma semelhante, os Racionais abordam esse abuso de poder quando afirmam:

> Avise o ML chegou o grande dia
> Depende do sim ou não de um só homem
> Que prefere ser neutro pelo telefone
> Ratatatá, caviar e champanhe

> Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe
> Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
> Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

No trecho da música “Diário de um detento”, em: “Depende do sim ou não de um só homem/ Que prefere ser neutro pelo telefone” nota-se a indiferença das autoridades, ilustrando um sistema que decide se as pessoas viverão ou morrerão. A partir das reflexões de Oliveira (2018), é possível compreender a crítica que os Racionais fazem nessa estrofe, apontando que tais decisões são tomadas por líderes distantes, que desconhecem a realidade da população e escolhem manter sua neutralidade. Além disso, há uma vontade de limpeza social latente. Essa postura reflete o abuso de poder por meio da omissão e do descaso, onde a vida humana não é valorizada, e as decisões são feitas de forma fria, sem qualquer responsabilidade moral ou social.

Segundo a perspectiva de Vieira e Lima (2023), a ironia presente na frase “caviar e champanhe”, seguida de “Ratatatá”, que imita o som de uma metralhadora, destaca a disparidade entre a vida luxuosa dos líderes e a realidade penosa das prisões. A referência ao comandante de polícia, Fleury, em alusão a Sérgio Fleury, policial famoso por seu histórico de violência, simboliza uma figura de poder que coloca seus próprios interesses e privilégios acima da justiça, do compromisso com a verdade e do respeito à vida humana.

A sequência “cachorros assassinos, gás lacrimogêneo” retrata o uso excessivo de violência e armamentos de repressão contra os prisioneiros, enfatizando a imagem de um sistema que trata os detentos como alvos a serem eliminados. No verso seguinte, “quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio”, há uma crítica à celebração da violência vivida naquele dia, revelando o valor distorcido da vida, onde a violência é recompensada em vez de punida, e os direitos humanos são completamente ignorados. A música expõe as contradições de um sistema que deveria garantir justiça e paz, mas que, em vez disso, perpetua a violência e o preconceito.

Em *A divina comédia: Inferno*, Dante retrata a cidade de Florença como um lugar marcado pela violência e pela divisão, onde as facções políticas utilizam o poder para perseguir e eliminar seus rivais. A pergunta “Algum justo ali vive?” levanta uma reflexão sobre a ausência de justiça em uma cidade dominada pelo ódio e pela luta pelo poder. De forma semelhante, na música “Diário de um detento”, há uma crítica

direta ao abuso de poder, especialmente em: “depende do sim ou não de um só homem/ que prefere ser neutro pelo telefone”. Esse trecho reflete um sistema que desvaloriza a vida humana, evidenciando a falta de empatia e o distanciamento das autoridades em relação à realidade das pessoas que sofrem as consequências dessa indiferença.

À luz dos estudos de Literatura Comparada de Carvalhal (2004), é possível perceber as semelhanças entre os textos, na forma como ambos denunciam a violência exercida pelo Estado ou por instituições de poder. Em *A divina comédia: Inferno*, essa violência se manifesta nos confrontos entre facções políticas, em que o partido dominante usa o poder para expulsar e reprimir os camponeses. Aqueles que deveriam ser protegidos acabam sendo vítimas dos próprios que deveriam zelar por eles. Já em “Diário de um detento”, a violência é revelada pela brutalidade das autoridades, mostrando o desrespeito à vida dos encarcerados. Em ambos os textos, o poder é utilizado como instrumento de violência e terror, sendo uma forma de submeter aqueles que são considerados inferiores ou subjugados pelas figuras de autoridade de suas respectivas épocas.

Outro ponto em comum entre as obras é o sentimento de abandono presente em ambos os textos. Em *A divina comédia: Inferno*, a pergunta “A cizânia se deve, que ali cresce?” sugere que a discórdia é deixada para se expandir livremente, sem nenhuma intervenção em busca da paz. Esse sentimento de negligência também permeia a letra de “Diário de um detento”, onde o sujeito poético expressa a indiferença das autoridades com a frase “que se foda a minha mãe”, denunciando o desprezo das figuras de poder pelos detentos e o sofrimento de suas famílias, que são ignorados diante da violência vivida pelos prisioneiros.

Reforçamos que os textos fazem uma crítica ao abuso de poder e à indiferença das autoridades, denunciando a opressão vivida por aqueles que estão à margem do poder. As denúncias universais de abuso de poder e desumanização nas obras revelam como esses temas são atemporais, tornando suas reflexões fundamentais. Assim, as duas obras convidam o leitor ou ouvinte a refletir sobre as ações daqueles que detêm o poder e as consequências de uma justiça sem responsabilidade social e compaixão.

Assim como Dante retrata o sofrimento eterno no inferno como consequência dos atos terrenos, os Racionais apresentam um inferno real, gerado pela injustiça e violência, imerso em sofrimento. Os trechos a seguir ilustram o sofrimento vivido

nesses dois contextos. Dante aborda essa temática ao longo de sua obra, como exemplificado no seguinte trecho:

> De cada um orifício eu sair via
> Os pés, até das pernas a grossura,
> De um pecador: o resto se sumia.
>
> 'Stavam ardendo as plantas na tortura,
> E tanto as juntas rijo se estorciam,
> Que romperiam a prisão mais dura.
>
> Do calcanhar aos dedos percorriam
> As chamas, como a superfície inteira.
> Em corpo de óleo ungido morderiam.
>
> (Dante,1321 p.129)

O fragmento começa com o verso “os pés até das pernas a grossura/ de um pecador: o resto se sumia”, criando a imagem dos pecadores enterrados de cabeça para baixo, com apenas os pés visíveis. A partir da análise de Faria (2018), entendemos que essa imagem simboliza uma inversão, refletindo o estado corrompido daqueles que trocaram os valores espirituais pelos materiais, alcançando riqueza econômica, mas empobrecendo espiritualmente. O sofrimento físico é evidenciado quando Dante descreve os pecadores sendo consumidos por chamas que “do calcanhar aos dedos percorriam”, representando o fogo como um tormento eterno.

O verso “poderiam em corpo de óleo ungido” traz uma associação com o óleo sacramental, tradicionalmente ligado à santidade, mas aqui transformado em um símbolo de castigo, invertendo sua função original. Dessa forma, ilustra o sofrimento físico e também critica a corrupção das instituições religiosas, refletindo, assim, o sofrimento espiritual dos condenados. O sofrimento físico, portanto, é um reflexo do estado de degradação espiritual desses pecadores. Já na música analisada, o sofrimento é evidente em toda a letra como apresenta no trecho que diz:

> Ratatatá, sangue jorra como água
> Do ouvido, da boca e nariz
> O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
> Morreu de bruços no Salmo 23
> Sem padre, sem repórter
> Sem arma, sem socorro
> Vai pegar HIV na boca do cachorro
> Cadáveres no poço, no pátio interno
> Adolf Hitler sorri no inferno
> O Robocop do governo é frio, não sente pena
> Só ódio, e ri como a hiena

Inspirados pelos estudos de Vieira e Lima (2023), que destacam as críticas presentes na música dos Racionais MC's, percebemos que a estrofe utiliza uma onomatopeia, recorrente ao longo da canção, para representar o som atordoante dos tiros, introduzindo diretamente o cenário de violência. O sangue que "jorra como água" simboliza a banalização da morte, onde vidas são ceifadas de maneira cruel e desumana, evidenciando o sofrimento dos prisioneiros durante o Massacre no Carandiru.

A imagem dos ferimentos múltiplos, no verso "do ouvido, da boca e do nariz", intensifica a brutalidade física sofrida pelos corpos encontrados. O verso "morreu de bruços no salmo 23" cria um contraste, pois, enquanto o salmo é tradicionalmente associado à proteção divina, aqui é usado para destacar o desamparo e a falta de justiça. A ausência de rituais, como indicado em "sem padre, sem repórter/ sem arma sem socorro", reforça a ideia de exclusão social, mostrando que o morto foi abandonado até mesmo em seu momento final, sugerindo que sua vida não tinha valor.

No verso "Adolf Hitler sorri no inferno", os compositores fazem uma conexão entre a violência urbana contemporânea e os horrores do genocídio e da tirania nazistas, sugerindo que os mesmos mecanismos de opressão, preconceito e sofrimento usados por Hitler ainda estão em operação, mas agora em um contexto diferente. O "Robocop do governo" representa a desumanização dos policiais, comparando-os a máquinas criadas apenas para matar, associando-os a uma crueldade e frieza diante do sofrimento alheio, como se não fossem humanos, como se a compaixão fosse inexistente. A letra é uma denúncia da dor e da violência enfrentada pelos mais vulneráveis, trazendo imagens de sofrimento, morte e negligência.

À luz dos estudos de Literatura Comparada de Coutinho (1996), podemos identificar semelhanças entre as obras, que utilizam imagens para simbolizar e criticar profundamente as dores humanas. Embora retratem realidades distintas, ambas convergem ao tratar o sofrimento como uma consequência das escolhas individuais e coletivas. *A divina comédia: Inferno* e a música "Diário de um detento" denunciam a degradação, seja ela espiritual ou sistêmica, por meio de imagens vívidas que levam o leitor e o ouvinte a refletirem sobre o sofrimento físico e espiritual. Essas obras dialogam sobre as dores daqueles que se encontram em seus respectivos infernos, sejam eles espirituais ou metafóricos.

Outro ponto em que os dois textos se concentram é nas consequências dos atos humanos. Dante faz uma crítica contundente às escolhas dos pecadores, convidando à reflexão profunda sobre os resultados dessas decisões, como expressa no trecho:

> Não lhes é dado nunca esperar morte;
> É tão vil seu viver nessa desgraça,
> Que invejam de outros toda e qualquer sorte.
>
> No mundo o nome seu não deixou traça;
> A Clemência, a Justiça os desdenharam.
> Mais deles não falemos: olha e passa.
>
> (Dante,1321 p.21)

O poeta destaca as consequências da falta de comprometimento, mostrando que a indiferença dessas almas as condena a uma existência vazia e sem propósito. Para Dante, a ausência de ação também é uma escolha moral, com resultados devastadores. O verso “no mundo o nome seu não deixou traça” revela que os indiferentes não deixaram nenhum legado, pois não fizeram nem o bem nem o mal; sua neutralidade os fez ser esquecidos tanto pelos homens quanto por Deus. A frase “A Clemência, a justiça os desenharam” sugere que essas almas foram rejeitadas por Deus, já que a justiça divina, que premia e pune, não se aplica àqueles que nunca tomaram uma posição. A falta de ação e de posicionamento na vida os impede de alcançar a salvação.

Dante apresenta um contexto paradoxal, em que essas almas se encontram entre a vida e a morte, como no verso “não lhe é dado nunca esperar a morte”. Embora ainda estejam fisicamente presentes, suas condições refletem uma extensão eterna do vazio existencial que experimentaram. O trecho adiante oferece uma reflexão atemporal sobre a importância de agir e assumir responsabilidades em nossas vidas, pois até mesmo a omissão resulta em consequências severas:

> Aí, moleque, me diz, então: cê quer o quê?
> A vaga tá lá esperando você
> Pega todos seus artigo importado
> Seu currículo no crime e limpa o rabo
> A vida bandida é sem futuro
> Sua cara fica branca desse lado do muro
> Já ouviu falar de Lúcifer?
> Que veio do inferno com moral?
> Um dia no Carandiru, não ele é só mais um

Segundo a perspectiva de Vieira e Lima (2023), podemos observar que a letra, reflete de maneira crua e direta as consequências da vida no crime, e o impacto das

escolhas humanas. A frase “A vaga tá lá esperando você" sugere uma “oportunidade”, uma vaga para o caminho crime que levará para uma cela na prisão, a ideia de “currículo no crime”, trazendo a alusão a uma entrevista de emprego para entrar no Carandiru. A expressão “Sua cara fica branca desse lado do muro” mostra o abismo entre diferentes realidades, a “cara branca” referenciando a perda de identidade daqueles que vivem do lado do muro onde são marginalizados e deixados de lado.

A menção a Lúcifer, uma figura associada ao mal e à perdição, reforça a ideia de que o crime é um caminho sem retorno, que leva a um destino sombrio e violento. Ao afirmar que ele seria apenas mais um no Carandiru, a letra sugere que, mesmo os mais poderosos e violentos na vida do crime, acabam reduzidos a números em meio a tantos outros. A letra dos Racionais propõe uma reflexão profunda sobre as consequências das escolhas humanas, destacando a desilusão, a perda de identidade e o destino trágico e cruel daqueles que optam por seguir esse caminho.

Baseado nos estudos de Literatura Comparada de Carvalhal (2004), podemos perceber semelhanças entre os dois textos ao abordar as consequências das escolhas feitas em vida. Dante descreve almas condenadas a sofrer eternamente por não terem se posicionado, vivendo uma existência marcada pela omissão e pela falta de escolhas, o que as leva a sofrer no inferno, sem esperança e distantes da justiça divina. De forma parecida, a letra dos Racionais apresenta o crime como uma escolha que resulta em um futuro cruel e consequências devastadoras, que culminam no isolamento social. Ambos os textos destacam a ideia de que escolhas erradas não têm retorno, levando ao sofrimento, seja no plano espiritual ou na realidade social.

Por último, é importante destacar que, apesar de os contextos, épocas e ambientes serem diferentes nas obras, elas abordam temas semelhantes e trazem críticas relevantes e atemporais que ainda ressoam nos dias atuais. Embora possuam diferentes linguagens, ambas constroem mensagens com simbolismos e denúncias parecidas, tornando esta análise cheia de detalhes semelhantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui desenvolvida analisou *A divina comédia: Inferno*, de Dante Alighieri, e “Diário de um detento”, dos Racionais MC’s, demonstrando como as obras utilizam o ambiente infernal para explorar temas de angústia e sofrimento. Embora separadas por décadas e contextos culturais e políticos distintos, os textos se mostraram semelhantes na forma como transformam a experiência humana em arte, utilizando o inferno como um território simbólico para reflexões sobre desigualdade, opressão, abuso de poder e críticas às sociedades em que foram produzidas.

Para ilustrar nossas considerações finais, resgatamos os questionamentos e objetivos que embasaram a nossa pesquisa, os quais foram respondidos da seguinte forma: Como as duas obras utilizam o inferno como metáfora para punição e sofrimento? Na obra de Dante, o inferno é um espaço físico que simboliza o castigo eterno para aqueles que pecaram em vida. Esse espaço é organizado em círculos que refletem as punições correspondentes aos pecados cometidos, oferecendo uma visão moral das consequências das escolhas humanas. Já na música dos Racionais MC’s, o inferno não é um lugar metafísico, mas a realidade brutal das prisões, especialmente o Carandiru, onde a música se baseia. O sofrimento ali não é transcendental, como na obra de Dante, mas sim real e vivido por pessoas ainda em vida. O inferno presente na música é uma construção social e política, em que a justiça é distorcida e muitas vezes transcende o próprio crime.

Como segundo questionamento tivemos: Quais as principais semelhanças e diferenças na representação do inferno, considerando seus contextos históricos e culturais distintos? Ao comparar essas duas obras, encontramos semelhanças, especialmente no sofrimento, que é o centro de ambas. Tanto Dante quanto os Racionais retratam o inferno como um lugar de sofrimento extremo, onde as ações humanas, sejam pecados ou crimes, são punidas.

As obras também fazem críticas ao abuso de poder, à violência extrema e às consequências das escolhas humanas. Elas apontam como as decisões individuais levaram os personagens a esses locais e como decisões coletivas, como a falta de governo em Florença ou o descaso no Carandiru, impactam essas realidades. As grandes diferenças entre as duas obras residem na perspectiva histórica: Dante escreve em um contexto medieval, influenciado pela teologia cristã, enquanto os

Racionais MC's falam a partir da realidade das periferias do Brasil contemporâneo, marcadas pela desigualdade social e violência. Além disso, as finalidades são distintas: *A divina comédia* busca instruir moralmente, guiando o leitor para a redenção, enquanto "Diário de um detento" tem o objetivo de denunciar as falhas do sistema, a violência e o racismo.

Como terceiro questionamento tivemos: De que maneira essas visões refletem e criticam as sociedades em que foram produzidas? As obras oferecem críticas contundentes às sociedades em que foram criadas. *A divina comédia* critica a corrupção e os pecados da sociedade medieval, abordando a falha de líderes, religiosos e políticos, e refletindo o desejo por uma justiça divina. Já "Diário de um detento" apresenta uma crítica à desigualdade, ao racismo, ao abuso de poder e à violência, expondo a dura realidade do sistema carcerário brasileiro.

As obras revelam como o conceito de inferno é elaborado pelas experiências de quem o descreve, levando em conta o contexto histórico, cultural e teológico de cada um. Além disso, ambas possuem uma forte dimensão crítica. Dante, ao punir os pecadores com sofrimento eterno proporcional aos seus pecados, questiona a corrupção moral e política de sua época, criticando o abuso de poder prevalente. Por sua vez, os Racionais MC's, ao denunciar a realidade opressora e desumana dos prisioneiros, expõem e criticam a desigualdade, o abuso de poder e a violência que marcam a sociedade contemporânea.

Portanto, concluímos que ambas retratam o inferno como algo que transcende um lugar físico, como no caso de Dante, ou uma metáfora, como na obra dos Racionais. O inferno é apresentado como o sofrimento humano imposto por um sistema de poder injusto e pelas escolhas feitas pela humanidade ao longo da vida.

Por fim, esta pesquisa destaca a importância das obras como ferramentas de reflexão social e cultural, ao atravessarmos essa fronteira temporal. Elas demonstram que a arte, independentemente da época, possui o poder de questionar, denunciar e promover uma reflexão profunda sobre a sociedade em que está inserida, estimulando debates essenciais que podem contribuir para a transformação social.

Acreditamos que este trabalho oferece reflexões e contribuições valiosas para a compreensão das críticas apresentadas nas obras, destacando uma análise sobre a representação do inferno nas artes, ampliando os limites do conhecimento e incentivando uma crítica profunda às sociedades em que vivemos.

É importante destacar que este trabalho não apresenta verdades absolutas, mas sim reflexões baseadas em nosso *corpus*, as quais registramos neste momento. Dessa forma, pode servir como ponto de partida para outras pesquisas ou até mesmo para novos questionamentos, que poderão ser explorados em futuras continuidades de estudo relacionadas a este *corpus*.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. **Visões do inferno ou o inferno somos nós**. Língua e Literatura, v. 15, 1986.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia:** Inferno. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira/SP: Principis, 2020.

CARRÉ, Jean-Marie. Prefácio. In: GUYARD, Marius-François. **A literatura comparada**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1956, p. 07.

CARVALHAL, Tania Franco (org.). **Literatura Comparada no mundo:** questões e métodos. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada.** São Paulo: Ática, 2004.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada:** a estratégia interdisciplinar**.** Revista Brasileira de Literatura Comparada. Niterói: Abralic, n. 1, 1991.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada:** textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CAVALCANTE, Acilon H. B. Dante Alighieri**:** o inferno e Florença. **Urbana**: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 188–212, 2012. DOI: 10.20396/urbana.v4i1.8635157. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635157 Acesso em: 11 maio. 2024.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CORRÊA, Antenor Ferreira. **O sentido da análise musical. Opus**, [s.l.], v. 12, p. 33-53, dez., 2006.

CORTEZ, Clarice Zamonaro; RODRIGUES, Milton Hermes. Operadores de leitura da poesia**.** In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas**.** 3. Ed. Eduem. 2009, p. 59-92.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 3, 1996.

DUARTE, Tiago Anselmo. Inferno: uma ideia de espaço dos pecadores na Divina Comédia de Dante Alighieri. **Revista de História da UFMS**, v. 1, n. 1, 2023, p. 187-201.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. de Waltensir Dutra e João Azenha Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno.** [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2018.

FALBO, Conrado Vitor Rodrigues. A palavra em movimento: algumas perspectivas teóricas para a análise de canções no âmbito da música popular. **Per Musi,** n.22, p. 218-231, 2010.

FARIA, Gentil de. Tobias Barreto e a Literatura Comparada. In: **Anais do II Congresso ABRALIC**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 1985.

JOAQUIM, Martins Junior. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. [s.l.] Editora Vozes Limitada, 2017.

JUNIOR, Arnaldo Franco. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas**.** 3. Ed. Eduem. 2009, p. 59-92.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 5ª ed. 1984.

MARTINS, MC. Sobrevivendo no inferno: resistência como conceito e reivindicação na obra dos Racionais MC's (1990-1997)". **Revista Cantareira**, n. 29, 2018.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária**. 21° ed.São Paulo: Cultrix. 2006.

Moisés, Massaud. **A análise literária**. Editora Cultrix, 2014.

OLIVEIRA, Acauan Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MCs. In: **Racionais MCs sobrevivendo no inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno.** [Intérpretes: Racionais MC's]. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RIBEIRO, Hugo. A análise musical: por quê, para quem e como? **Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)**. Brasília, 2006.

SARTRE**,** Jean-Paul**. Entre quatro paredes**. Tradução de Pedro Silva. São Paulo: Editora Alfa, 1945. Peça teatral.

SHAKESPEARE, Wiliam. **A tempestade**. [s.l.] Penguin-Companhia, 2022.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander de Melo. Perspectivas da Literatura Comparada no Brasil. In: CARVALHAL, Tania F. (org.). **Literatura Comparada no mundo**: questões e métodos. Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 39-52.

STERZI, Eduardo**. Por que ler Dante**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

VIEIRA, Marlon Souza; VIEIRA, Jovana de Almeida. Letra, música e performance: uma análise cancional**. Revista Científica do UBM**, v.21, n. 40. p. 24-39, 2019.

VIEIRA, Daniel; LIMA, Jaqueline Santo. et al. **Racionais MC'S Entre o Gatilho e a Tempestade**. [s.l.] Editora Perspectiva S/A, 2023.

WELLEK, René. A crise da Literatura Comparada. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). **Teoria da Literatura:** formalistas russos. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido:** uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.